

CAVALEROS

d'Astúrias Volume 1



Fernando Possidente

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Possidente, Fernando

Cavaleiro d'Astúrias [livro eletrônico] :
volume 1 / Fernando Possidente. -- 1. ed. --
Santos, SP : Ed. do Autor, 2024. -- (Cavaleiro
d'Astúrias ; 1)

PDF

ISBN 978-65-01-28104-9

1. Ficção brasileira I. Título. II. Série.

24-245863

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Livre Adaptação da Obra de Cervantes

Textos e Ilustrações do Próprio Autor

Fernando Possidente

Apresenta

Cavaleiro d'Astúrias

Volume - I

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| <u>PRÓLOGO DE INTRODUÇÃO</u> | 06 |
| <u>CAPÍTULO I - PRIMEIRA PARTIDA</u> | 21 |
| <u>CAPÍTULO II - SEGUNDO ENCONTRO</u> | 40 |
| <u>CAPÍTULO III - CASTELO-ESTALAGEM</u> | 50 |
| <u>CAPÍTULO IV - CONSAGRADO CAVALEIRO</u> | 73 |
| <u>CAPÍTULO V - ALVOROÇO NA ALVORADA</u> | 88 |
| <u>CAPÍTULO VI - CONVÉM CONFESSAR</u> | 96 |
| <u>CAPÍTULO VII - DE VOLTA OUTRA VEZ</u> | 109 |
| <u>CAPÍTULO VIII - LIVRANDO-SE DA LIVRARIA</u> .. | 115 |
| <u>CENAS DO PRÓXIMO VOLUME</u> | 130 |

Era uma vez...
Nas terras de Hispania
Num certo lugar da Mancha...



PRÓLOGO DE INTRODUÇÃO

Numa região de vastos campos rodeados por fazendolas e vilarejos, havia uma casa ampla, bonita e confortável. Era onde residia um homem até então bastante comum: o senhor Alonso Quejada.

Por toda a sua vida, ele sempre fora estimado e considerado pelas pessoas daquele pequeno povoado, e era também muitíssimo querido por todos do seu convívio. E, naturalmente, não vivia só: morava na companhia de sua jovem e adorável sobrinha, Angélica. Também residia com eles uma senhora governanta, uma pessoa simples que cuidava de todos os afazeres do lar, e um garoto prestativo que ajudava em tudo. E não se pode deixar de mencionar mais dois amigos, que estavam sempre presentes, e já eram antigos frequentadores da casa.





Quejada não era propriamente um homem rico, mas, apesar disso, podia se dar o gosto de permanecer de pijamas e pantufos¹ durante a maior parte do dia. No maior sossego!

Ele acreditava que já estava velho demais, por isso não tinha mais tanto ânimo, nem disposição, e suas atividades preferidas se reduziram bastante. Contudo, isso não o incomodava, pois Quejada agora também se dedicava a alta literatura: — em especial os livros que tratavam de heróis. Naquela época, era o famoso gênero de Romance de Cavalaria. Assim, em seu tempo livre — e como não tinha mesmo nunca nada o que fazer — passou então a se distrair com a leitura de seus livros.



¹ **Notinha de rodapé:** Sim, o correto seria pantúfas, aqueles chinélinhos de pelúcia. Mas, pantúfos me soou mais fofo!



Lia-os tanto, com tanta satisfação e gosto, que dia após dia, foi devagar se envolvendo cada vez mais em suas histórias. Ele se divertia imensamente, por vezes até rindo sozinho, já outras vezes roendo as unhas na maior aflição porque ficava angustiado com suspenses e não largava do livro até poder respirar aliviado no fim.

Logo, foi ficando tão apegado a esse divertimento que, com o passar do tempo, não se lembrava de fazer nenhuma outra coisa - mal comia e nem dormia direito. Tornou-se tão obcecado que acabou perdendo o interesse em todo resto. Já não pensava mais nos problemas da casa nem do campo. Chegou até mesmo a vender alguns trechos de terras, rebanhos e colheitas, somente para comprar mais e mais livros.





Por fim, naturalmente acabou se tornando um grande colecionador. Tanto que escolheu um cômodo espaçoso da casa e montou sua biblioteca. Ficou excelente! Começou a passar o dia inteiro enfiado naquele local, saindo de lá muito raramente, apenas para ir à cozinha buscar algo para comer e beber, ou para ir ao banheiro - mas isso somente quando era muitíssimo necessário. Se não, não!





Sua sobrinha e a governanta, bastante protetoras, começaram a se preocupar com ele. Claro! Afinal, aquilo já não era o comportamento de uma pessoa normal. Por isso insistiram para que ele, ao menos, saísse para dar umas voltinhas pelas redondezas de vez em quando, só para refrescar a cuca e respirar um pouco de ar puro.

Meio a contragosto, até que ele concordou no início, mesmo assim nunca se esquecia de carregar consigo algum livro debaixo do braço — só por garantia! (Caso se sentisse entediado.)



“- Olá, Olá! Senhor Quejada! Como tem passado? Praticando as suas leituras!?” - perguntavam-lhe amigavelmente os seus vizinhos, sempre que o encontravam passeando pelo campo, ou então, quando o avistavam sentado debaixo de uma árvore, folheando um livro, bem despreocupado.

“- Sim, claro! Porém, somente as boas leituras!” - ele respondia toda vez, com simpatia.



Concluindo com esta frase que adorava: “- Afinal, o homem é aquilo o que lê², não é?!”.

Assim, acabou famoso em toda vizinhança por gostar tanto de histórias. Sobre isso, os aldeões e camponeses da Mancha ficaram divididos em suas opiniões: Para alguns, ele era um homem realmente excelente, apenas mais um incompreendido, uma pessoa culta e de grande imaginação. Já para outros, ele era só mais um doido maluco bem desocupado da vida — Isso sim!

Contudo, no fim da tarde, quando todos estavam reunidos no Roda-Redonda, a bodega local, e por acaso faltasse assunto que discutir, um alguém muito mal-intencionado logo levantava e anunciava:



2 **Notinha de rodapé:** A frase correta seria - “O homem é aquilo o que come!” Uma citação atribuída a Hipócrates, um grego da antiguidade considerado o pai da medicina.



“- *Ei turma, escutem só: Já estão sabendo da nova sobre o velho Quejada!?*”

– *Ora, que se passou?! –* perguntavam alguns.

– *Quê que foi desta vez!?* – manifestavam-se outros. E todos se aproximavam curiosos e interessadíssimos para ouvir a novidade.

– *Saibam que esse biruta ficou de miolo mole, o maluco tá ficando mesmo lelé! Imaginem que o doido agora deu pra...”*

Alguém começava a falar, e todos se aproximavam mais, prontos para escutar a fofoca. E por mais exagerados que fossem aqueles boatos, isso quase nunca era totalmente mentira.

Afinal, porcausa da sua imensa paixão por heróis, o pobre foi, pouco a pouco, perdendo-se num alucinado devaneio, e acabou caindo num delírio perigoso:



No início, deu simplesmente de ficar debruçado no parapeito da varanda, recitando algumas poesias de amor - o que, até então, poderia ser perfeitamente normal — se ele fosse algum tipo de poeta ou talvez estivesse apaixonado!

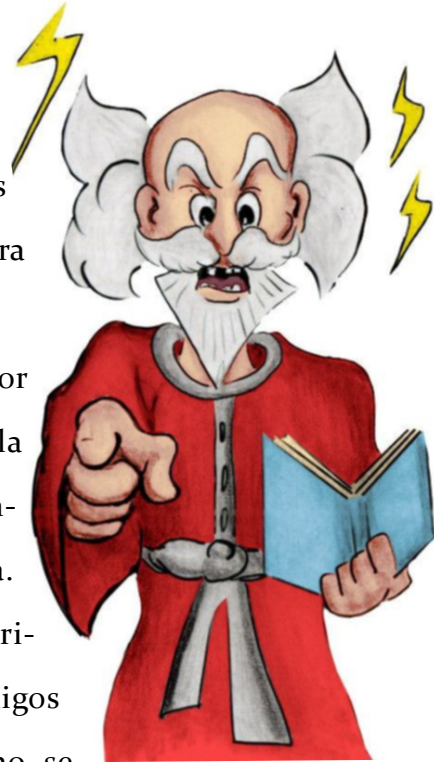


Contudo, logo em seguida, do nada, ficava furioso e começava a gritar injurias e impropérios, e a declamar energicamente versos de afronta, retirados das famosas cartas de desafio que lia em seus livros. E isso já era realmente uma tremenda esquisitice!

E não parou por aí: o problema maior é que, depois, também começou a correr pela casa, de lá pra cá, de um lado para outro fingindo estar montado num cavalo de batalha. De repente, sem mais nem menos, saía distribuindo golpes pelo ar lutando contra inimigos invisíveis - assim mesmo, brincando como se fosse um garoto e cometendo as maiores travessuras.

Quando questionado, dizia estar no comando de uma tropa armada que partia para guerra na mais importante missão de salvar os domínios do Rei. Em outros casos, declarava ser somente um cavaleiro solitário numa jornada impossível para resgatar sua amada donzela, covardemente sequestrada por “malvados-malgnos”!

Quejada, talvez para tornar suas aventuras um pouco mais divertidas, chegou até mesmo a roubar a toalha da mesa de jantar.





Ele a amarrou no pescoço como uma capa e prendeu uma ripa de madeira no cinto, como se fosse uma espada – e agora só queria andar vestido assim, o maluco!



Então, um certo dia, por coincidência, descobriu um antigo documento que dizia que seu bisavô havia sido, comprovadamente, um valioso cavaleiro, um verdadeiro soldado da antiga cruzada. Ora, não havia mais dúvida então: a bravura estava mesmo em seu sangue!

Quase explodiu de tanta felicidade.





Resolveu descer imediatamente ao antigo porão abandonado para reme-
xer e revirar todas as velharias que
estavam lá, acumuladas e esquecidas
por muitos anos. Vasculhou armários
e prateleiras, sem nem mesmo saber
o que estava procurando. E foi então
que, inesperadamente, entre tralhas e
tranqueiras, encontrou jogada, num
canto sombrio e coberta por poeira e
teias de aranha, uma autêntica arma-

dura. Uma armadura de verdade! Estava um pouco amassada, meio corroída
por ferrugem – porém, para ele, estava linda! Toda inteirinha, brilhante e muito
conservada.





Ele pulou de alegria e quase estourou de tanta emoção. Aquele achado era como um sinal vindo do céu. E foi justamente neste momento que aconteceu inexplicavelmente algo extraordinário, fabuloso e fantástico. E também, sem dúvida, inacreditável - principalmente para aqueles que não acreditam no sobrenatural!

Quejada escutou um barulho esquisito e ficou muitíssimo assustado: - Te.. tem alguém ai!? Que... quem está ai!? - balbuciou bastante apreensivo e ficou olhando para todos os lados, tenso.

- Quixote!!! - respondeu uma voz retumbante atrás dele. Ao se virar, deparou-se com uma enorme figura quase sobre-humana: um altíssimo cavaleiro, totalmente revestido por uma opaca armadura prateada e uma longa capa negra pendendo-lhe das costas. Só dava para ver dois brilhos vermelhos onde deveriam estar seus olhos, e o resto do rosto, se tinha algum, estava também encoberto pela sombra do elmo pontiagudo:

- Quixote!!! - reverberou sua voz novamente.

- Quem!? - apavorou-se Quejada, sem saber o que fazer. Todo trêmulo falou: - Eu sou apenas um velhinho inofensivo que não faz mal a ninguém! E meu nome é Quejada, juro! Nem conheço esse tal Quixote que está procurando! Pode estar me confundindo...

A figura tenebrosa deu um passo adiante e falou: - Vim até aqui na



função de arauto para te entregar uma importante missão! – anunciou o misterioso sujeito metálico. – Você foi escolhido neste tempo atual, por tua coragem e bravura, pela pureza e bondade do teu coração, para retomar e restabelecer a gloriosa idade de ouro da cavalaria andante!

- Eu! Logo eu!? – indagou Quejada, absolutamente confuso com a proposta, e ainda atordoado perguntou: - Ora, e quem afinal é o senhor?





- Olha bem para mim. E então, não me reconheces!? - perguntou o cavaleiro. Só então Quejada reparou no detalhe de um emblema no peitoral da sua enorme armadura, e viu que ali estava estampado o signo de uma espada vermelha. Por isso, ficou totalmente surpreso e abismado:

- Este símbolo... então você só pode ser... é o cavaleiro Amadis de Gaula! - reconheceu Quejada todo admirado. Depois, desconfiado, ainda perguntou querendo confirmar: - É você mesmo?! O meu herói mais preferido... em carne e osso!?

- Sim, sou eu mesmo... em puro aço! - respondeu o cavaleiro blindado com sua voz metálica.

- Eu não posso acreditar nisso! - exclamou Quejada de alegria. Deu um salto, festejando feito um bobo: - Oba! Hoje é mesmo meu dia de sorte, que satisfação conhecê-lo! Eu sempre quis isto, só pode ser um sonho... que felicidade... que alegria!

- Te acalma, Quixote! Preste muita atenção nisso... - exigiu o cavaleiro Amadis. - Vai já pelo mundo, espalhando a justiça por onde for e consertando o que estiver errado no caminho! Segue pontualmente a lei da Ordem da Cavalaria Andante! Desfaz todo o mal que encontrar! Fazei o bem sem ver a quem! Jamais tenha medo ou dúvida! Para tudo consulta teu coração! Agora, se aceita esta tarefa faça então uma promessa...



Quejada pensou por um instante, começou a vacilar. Por que logo ele seria encarregado dessa tão difícil missão, já que certamente existiam tantos outros mais fortes e capacitados, mais jovens e muito mais preparados? Corrigir o mundo era uma tarefa impossível de se realizar, e ele já não estava mais com idade para tanto. Sentia que era mesmo um herói no fundo, mas isso de salvar o mundo já era pedir demais!

Contudo, recordou que um verdadeiro herói não é aquele que age conforme a sua força, mas sim aquele que se supera e vai além de seus limites. Lembrou-se também dos antigos ensinamentos do Sábio Salomão³: “Não é só do valente a vitória, pois tudo depende do acaso!”. Por isso, soube o que era o certo e, sem mais demora, não hesitou mais. Respirando fundo fez logo a promessa que sabia que devia fazer:



- Juro-te, de olhos fechados e mão no peito, pelo Céu que nos cobre, e pelo Deus que me criou! Farei tudinho conforme tem me pedido, grande Amadis, Cavaleiro da Espada Ardente!

- E nisso eu também creio em ti: Cavaleiro Quixote da Mancha! – reverberou a voz metálica por fim.

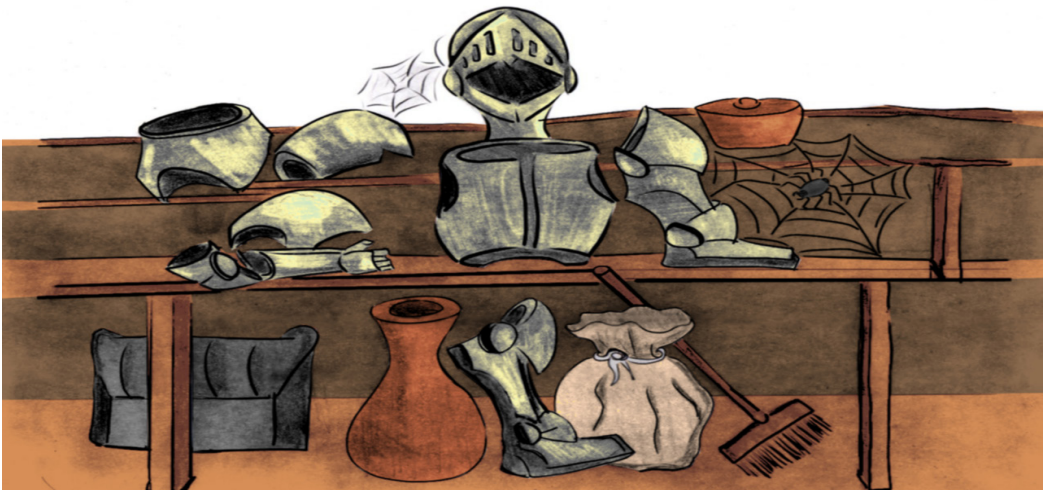
³ - **Notinha de rodapé:** "... não é do ligeiro o prêmio, nem do valente a vitória, nem tampoco dos sábios o pão, nem dos prudentes a riqueza, nem do inteligente a aprovação, porém tudo depende do tempo e do acaso." Eclesiastes 09:11



Quando Quejada voltou a si e abriu novamente seus olhos, não viu mais nada e nem encontrou ninguém em parte alguma:

- Cavaleiro Amadis! Pra onde você foi!? Amadis, cadê você!? – chamou em vão. – Ora, ele sumiu como se fosse feito de fumaça! – refletiu, sem saber se aquilo fora mesmo real ou se estivera sonhando. Mas depois de um tempinho, finalmente se convenceu:- No fundo, eu sempre soube que havia algo de muito errado, e agora tudo está claro: o mundo está em total desordem! A maldade está prevalecendo, e fui convocado para combater e derrotar o mal! Devo agir e não vou fracassar! – determinou convicto para si mesmo.

Depois, em seguida, Quejada olhou significativamente para a velha e empoeirada armadura de seu bisavô, e então declarou: - Decerto que todo esse tempo esperavas por mim, não é mesmo, minha nobre Armadura!



CAPÍTULO I PRIMEIRA PARTIDA

Há quem diga que nada disso aconteceu de fato, e que tudo não passou de pura alucinação de Quejada. Os maiores e mais entendidos especialistas do assunto concordam em afirmar que o que ocorreu foi simplesmente o seguinte:

De tanta leitura inútil, passando noites de claro em claro, do pouco dormir e do nada se alimentar, por fim acabou que isso lhe secou completamente o cérebro! E influenciado por seus livros, ficou tomado de ilusões. Deu-se, portanto, no mais estranho pensamento em que jamais nunca antes caiu louco algum neste mundo: Quis tornar-se um antigo cavaleiro medieval e sair pelo mundo, procurando aventuras: desfazendo toda sorte de agravos, pendências e tormentas — inclusive pondo-se em ocasião de muito risco e perigo, o que comprava seu estado de absoluta maluquice.

Ora, ora! Esses são especialistas especuladores e neles não se pode confiar. O melhor é contar o restante da história para que cada um tire por si só suas próprias conclusões:

Nos dias que se seguiram àquela fabulosa visão do cavaleiro Amadis de Gaula, Quejada ainda continuou com suas leituras, porém andava bem mais sossegado e não cometia atos estranhos para não chamar a atenção de ninguém.



Entretanto, por dentro, só pensava em coisas próprias de novelas de cavalaria: feiticeiros e fadas, bruxas e dragões, confrontos e combates, princesas encantadas e reis enfeitiçados — tudo isso lhe povoava a mente. E acima de tudo havia os cavaleiros andantes, já que estava cada vez mais fascinado por eles, sobretudo agora, que pretendia tornar-se verdadeiramente um herói.

Ele não via o momento de poder armar-se devidamente e partir de uma vez por todas para a aventura. Contudo, sabia que antes era necessário fazer preparativos e partir no tempo certo, para que nada desse errado e não tivesse que acabar voltando novamente depois só por ter esquecido algum detalhe importante que não havia pensado. Por isso, planejou:

Primeiro, fez alguns ajustes na armadura, tentando deixá-la novinha em folha. Removeu a ferrugem e a lavou com água e sabão, o que a deixou com uma tonalidade meio azulada. De fato, conseguiu melhorar bastante seu aspecto, muito embora somente ele não percebesse que a armadura ainda continuava cheia de pequenas ranhuras e diversos amassados!

Depois, por pura sorte, conseguiu arranjar, uma lança-rombuda, que é arma mais apropriada para o uso dos cavaleiros andantes. Foi difícil encontrar uma disponível e teve que mandar buscá-la em um bazar de relíquias antigas lá no mercado de Toledo; custou muitíssimo caro, pois a loja pertencia a um sujeito avaro.

Também teve que dar um jeito nela, porque a lança não estava totalmente perfeita, na verdade estava todinha amassada e desforme; um tanto desalinhada e desconjuntada! Mas isso Quejada consertou — ou pensou que consertou, é melhor dizer — já que depois do reparo ainda dava para perceber perfeitamente que estava meio tortinha na ponta!

“Tão importante quanto o ataque, é a defesa!” — ele pensou. Por isso, em seguida, aproveitando uma mesinha quebrada que havia no fundo do porão, ele construiu para si mesmo um escudo redondo de madeira. E esse escudo até que ficou bom! Só era difícil garantir que resistiria mesmo a uma pancada bem dada.

— “Agora sim estou pronto!” — declarou para si mesmo confiante. — “Acho que agora já posso partir...” — falava muito satisfeito, esfregando as próprias mãos muito contente e empolgado.

Apesar de seus esforços para disfarçar, era evidente que ele estava aprontando algo. Por isso, sua sobrinha acabou suspeitando. Na esperança de descobrir a verdade, mandou chamar os dois amigos mais íntimos do seu tio, a fim de que conseguissem arrancar alguma confissão sobre o que estava acontecendo, ou revelasse alguma pista dos planos que ele mantinha em segredo.

Seus amigos eram dois. Um deles era Nicolau, o barbeiro-cirurgião local — mais ou menos como um médico da época — um sujeito



simpático, de sorriso largo e bigodudo. Ele tinha uma aparência simples e um comportamento meio rude nos modos, isso o fazia parecer insensível as vezes. Mas, na verdade, possuía um espírito brincalhão! Poucos conseguiam perceber o seu tom sarcástico e irônico de encarar a vida, e esses poucos o achavam alegre e divertido dependendo do momento. Por isso ele tinha como sua principal característica manter seu excelente bom-humor para praticamente tudo — bom-humor principalmente para arrancar o dente de alguém, se fosse o caso!

O outro amigo era o padre Pedro Peres — o pároco da aldeia vizinha. Tinha sempre um semblante sério e postura recatada. Era alto e magro, bastante estudioso e aplicado, considerado um grande intelectual, culto e erudito. Tinha um comportamento sereno e mantinha-se calmo até para resolver problemas difíceis. Coerente e racional, geralmente sabia oferecer às pessoas bons conselhos e ótimas orientações.

Então, um dia, no final da tarde, os dois foram à casa do amigo Quejada para uma visita casual. No entanto, atendendo a um pedido da sobrinha, começaram a interrogá-lo sobre o que andava fazendo ultimamente:

— Nem adianta mentir, pois nós já sabemos de tudo: que está se comportando estranho e que tem andado por aí todo esquisitão! O que há contigo, seu velho maluco!?! — perguntou Nicolau Barbeiro, com um largo

sorriso, indo direto ao assunto sem nenhum tato ou rodeio.

— O que é que está tramando, Quejada!? Tua sobrinha se preocupa contigo, você sabe! — ressaltou o padre Pedro persuasivo, com serenidade continuou: — Caso tenha alguma questão que o incomode ou perturbe, pode confiar, pode nos contar qualquer coisa. Somos seus verdadeiros amigos e estamos aqui só para te ajudar. Então, diga: que se passa?

Quejada sabia que deveria manter segredo absoluto sobre seu encontro com Amadis e sobre sua missão; Caso contrário, seria impedido de lançar-se para tão desejada aventura. Por isso, arrumou logo um motivo qualquer só para disfarçar. Sabendo que eles também conheciam um pouco sobre literaturas de cavalaria, teve uma ideia. Fingindo certa dúvida e confusão, disse:

— Vejam se podem me ajudar nessa difícil questão que estive pensando comigo. Quem terá sido o melhor cavaleiro de todos os tempos? Será que foi o cavaleiro Lançarote do Lago ou será que foi o grande cavaleiro Amadis da Gaula!?

Assim que disse isto, o padre e o barbeiro se entreolharam, aliviados ao saber que não havia nada de errado com o amigo — exceto a sua fixação por histórias de aventuras, o que era bem comum neste caso. Quejada conseguiu, assim, convencê-los de que estava apenas distraído com pensamentos sonhadores, sem nenhuma importância — nada com que devessem se preocupar de fato.



“Seus tolos, nem desconfiam que estão diante de um grande herói que logo mais salvará o mundo!” — pensou em silêncio, esfregando as próprias mãos, sentindo-se orgulhoso e rindo por dentro de satisfação.

— Ora, quem foi o melhor cavaleiro? Certamente foi Dom Galaor, que era o irmão de Amadis de Gaula. Esse sim foi o melhor cavaleiro de todos os tempos, pelo menos na minha opinião! — respondeu Padre Pedro, muito sensato.

— Isso mesmo! — concordou imediatamente Nicolau. — Dom Galaor nunca foi tão manhoso e choramingão como Amadis! E, em pontos de valentia, não lhe ficou atrás em absolutamente nada! Esse Amadis, na verdade, era uma grande pateta, isso sim! — completou com menosprezo.

Ouvindo isto, Quejada imediatamente fez uma cara surpresa e zangada — uma careta séria e brava — quase que labaredas de fogo saltaram-se lhes dos olhos de tamanha raiva que sentiu. Revoltado, disse furioso:

— Injúria! Difamação! — retrucou aos berros, continuou fazendo o maior alarde: — Vou imediatamente me retirar daqui! Vou antes que eu fique completamente surdo depois desse tremendo absurdo! É a maior tolice e disparate o que acabei de ouvir! — protestou prontamente por fim. E de forma dramática tapou os próprios ouvidos com as mãos, recusando-se a acreditar. Ficou ultrajado e ressentido, sentiu-se indignado e quase não conseguiu se aguentar por ver tão insultado e ofendido seu maior ídolo — e

agora também melhor amigo, o cavaleiro Amadis.

— Logo se vê que nenhum dos dois entende qualquer coisa de heroísmos! Ainda sou mais pelo Cavaleiro da Espada Ardente, e disso eu não abro mão! Adeus, e passar bem! — despediu-se apressado e foi se trancar em sua biblioteca.

— Ora essa! Não acredito nisso. Nosso amigo só pode estar de miolo mole mesmo! — comentou o barbeiro Nicolau, espantado. Balançando a cabeça ainda aturdido olhou inconformado para Pedro, e indagou:

— Que importância tem personagens de livros para ele ter ficado tão aborrecido e contrariado assim!?

— Eu também não entendo o porque dessa reação! — disse Padre Pedro bastante apreensivo. — Isso pode ser grave. Pode até ser algum tipo de mania ou obsessão, alguma especie de fanatismo.... talvez!

— Então será que não seria melhor insistir um pouco mais, será que não deveríamos bater na porta e chamá-lo para conversar outra vez? Tentar acalmar o desmiolado?

— Não mesmo! Porque: *“Qui se consuluit solus secum ipse dolebit”*⁴ — explicou o padre, recitando o seu costumeiro e complicado latim. Ele sempre fazia isso, e Nicolau, meio sem jeito, agiu como todos costumavam fazer nesses casos, onde não dava para entender nada de nada — meneou a cabeça afirmativamente fingindo que havia compreendido perfeitamente o

4 **Notinha de rodapé:** “Quem consulta-se a si mesmo sofrerá!” - Ou simplesmente: Quem não aceita conselhos, não merece ajuda!



que ele tinha dito. Só depois o Padre voltou a falar normalmente, dizendo: — De qualquer forma nós precisamos acompanhá-lo de perto com mais atenção, só para ver se ele não está mesmo ficando doente, prejudicado da cabeça e perdendo a razão...

Agora mais do que nunca, Quejada estava determinado a largar essa vida pacata e medíocre, monótona e sem graça. Precisava ir embora em jornada e partir dali o quanto antes. Pretendia fugir do dia para a noite, sem nem mesmo deixar um bilhete de adeus. Ele passou os últimos dias antes da partida extremamente ansioso e agitado, sendo constantemente pego cochichando segredos para si próprio, ou falando com alguém que não se encontrava presente — ou então alguém que na verdade somente ele conseguia enxergar.

— Ora, meu patrão, que tanto resmungo é esse!? — perguntou Dona Matilda, a governanta da casa. Ela tinha acabado de encontrá-lo conversando sozinho, na maior discussão, como quem participava de um verdadeiro debate, mesmo estando absolutamente sozinho em seu quarto.

— Velha intrometida! — gritou ele exaltado, pois não gostava dela — em sua opinião era uma bisbilhoteira-linguaruda e que estava sempre tentando vigiá-lo ou se metendo nos seus assuntos pessoais. Por isso, pegou por ela uma tremenda inimizade e antipatia, e só não a mandava embora porque já tinha se acostumado com o longo convívio de muitos anos, mas

viviam entre farpas e fagulhas, inconciliáveis como cães e gatos. — Vá para a cozinha e não me aborreça, sua chata!

— Seu velho estúpido e mal-educado! Vou chamar sua sobrinha para ver toda essa má-criação com que me trata! Mais pode Deus! — ela retrucou e saiu queimando o chão irritada.

— Vai lá sua velhota intrujona e intrigueira! Pode chamar até os soldados da guarda do rei, se assim quiser! Eu não tenho medo de ninguém, não! — esbravejou ele enquanto ela descia as escadas resmungando e bufando, em busca da sobrinha.

Angélica veio imediatamente assim que a governanta fez suas queixas. Encontrou um Quejada deitado na cama muito tranquilo debaixo das cobertas, disfarçando, olhinhos fechados e toquinha na cabeça. Ela o observou bem, o esperto estava suspirando, fingindo que dormia. Mas ela não se convenceu disso:

— Titio, não tente me enganar, sei que está acordado. — ela arriscou. E ouvindo isso ele abriu primeiro um olho para verificar se estava sozinha mesmo ou se ela estava acompanhada da insuportável megera.

— O que o senhor fez desta vez, tio!? Como foi que conseguiu deixar a Matilda tão brava daquele jeito? — perguntou Angélica muito amavelmente.

— Essa velha não me dá sossego! Ela fica me perseguindo e observando o tempo todo! — justificou ele enchendo-se de razão. — E digo mais:



Pode ser até que ela esteja espionando a serviço de algum inimigo meu! Melhor fazermos ela sumir daqui de uma vez, será que não podemos mandá-la embora para sempre? Não é boa pessoa, estou avisando.

— Ela é absolutamente fiel e confiável, sabe disso! E o senhor tampouco tem quaisquer inimigos, titio! Deixe de falar estas coisas... — pediu delicadamente. — Estou muito preocupada com sua saúde. Por que tem andado tão agitado e aflito ultimamente, e sempre sussurrando sozinho pelos cantos!?

— Não é nada, querida! — respondeu Quejada atenciosamente com bastante carinho. — Isso é apenas uma mania, um capricho que todo homem velho tem: Quando precisamos de conselhos geralmente nunca há ninguém por perto mais sábio para conversar, por isso acabamos falando sozinhos mesmo...

— Ora, titio! — riu a sobrinha. — Inventa cada uma...! Bem, já está tarde, chega de buscar conselhos consigo mesmo por agora, e descanse. Tenha uma boa noite! — Ela se despediu e deu um beijinho na testa do velhinho com cara de inocente.

Não era só isso: Além de falar com invisíveis, gente só da sua imaginação, também via a realidade distorcida, e sendo assim, para seus olhos tudo era completamente diferente. E foi o que aconteceu no dia seguinte, quando

visitou a estrebaria para escolher qual cavalo o acompanharia naquela jornada.

“— Sem dúvida, o cavalo é a parte mais importante de um cavaleiro andante!”. Pensou Quejada prudente. E por isso, precisava encontrar alguma montaria bastante veloz e resistente. Um animal que fosse realmente como um possante Corcel muito magnífico e majestoso. Contudo, deu para achar, sem mais nem menos, que o pior cavalinho da estrebaria, o mais fracote e magrelo, era indiscutivelmente o escolhido. Avaliou que aquele era o mais belo e vigoroso animal que já fora visto neste mundo. Pois foi isso mesmo que lhe pareceu a seus olhos:

— Espécime raro! Que precioso exemplar! Oh, garboso alazão! — Ele elogiava emocionado e comovido que até faltava-lhe as palavras: — Nós dois nos completaremos! Fomos feitos um pro outro! Contigo eu serei o mais bravo cavaleiro! E tu comigo serás ainda mais vigoroso e altivo! — declarou para o pobre do equino apático e de olhos bem arregalados — que não se sabe se de fome, ou se de espanto, ou ainda, se estava sim compreendendo muito bem o tamanho da encrenca em que ia se meter.

— Tu chamarás Rocinante⁵! Que é um nome bonito e sonoro! — Batizou Quejada todo contente. — Seremos muito famosos eu e tu! E aposto que até mesmo aquele pangarézinho alado da mitologia⁶ vai ficar com muita inveja. Pode acreditar!

⁵ **Notinha de rodapé:** Provém da palavra Rocim, que deriva do alemão Ross que é o mesmo que cavalo. Mas, por pura ironia, nessa época também ganhou o significado de um animal pequeno e fraco, de raça inferior. O que torna Rocinante um nome bem sugestivo, nesse caso!

⁶ **Notinha de rodapé:** Obviamente refere-se ao Pégaso, que aparece no mito de Perseu contra a Medusa.



Finalmente, após tanta espera, chegou a data da partida. Tudo estava pronto, e no amanhecer do dia seguinte esperava não estar mais naquela casa, nem perto nas redondezas. Por isso, a noite alegou estar cansado demais e foi para a cama se deitar mais cedo.

Sua pobre sobrinha, sem suspeitar do plano ardiloso e imaginando que era um cansaço natural da sua idade avançada, nem desconfiava que talvez não voltasse a ver o seu querido parente nunca mais — ou no mínimo, não o veria por um bom tempo — veio ingenuamente até o quarto só para espiar e desejar uma boa noite de sono. Mas ele aproveitou esta oportunidade para lhe falar com muita seriedade:

— Menina Angélica! Escute bem o que tenho para te dizer. — alertou num tom mais grave, tentando de algum jeito, se despedir: — Você é a pessoa de quem eu mais gosto neste mundo! É a minha única parente viva, e sei que me considera como um verdadeiro pai! Mas eu não vou durar para sempre, por isso quero que jamais fique triste, caso algo aconteça comigo. Está certo!?

— O que quer dizer, titio!? — perguntou ela, docemente.

— Nada! Só estou prevenindo: Sou um homem envelhecido demais, por isso não pode se prender nem se apegar tanto a mim. Entende o que quero dizer?

— Titio, Titio! Amo-te tanto! Qualquer coisa que te acontecer de mal

com certeza vai me deixar doente! — afirmou a garota sensibilizada.

— Não! Nada disso, menina tola! — brigou Quejada imensamente impaciente. — Você ainda é jovem e bem bonita. Vai viver a vida! Seja livre. Arrume alguém decente que seja boa pessoa, e vá namorar um pouco! Já está bem na idade de casar... sua bobona, ou vai acabar azeda e amarga como a velha Matilda!

— Titio! — surpreendeu Angélica ficando vermelha e toda encabulada. — Que conversas são essas!?

— Isso mesmo... daqui para frente eu quero que não pense nunca mais em mim. E se possível deixe também de ser essa menininha ingênua e tonta. No fundo, ninguém gosta disso. Precisa ser forte e amadurecer! Precisa tornar-se independente...— exigiu ele ríspido tentando, de alguma forma, preparar Angélica para o que estava por vir — pois daquele dia em diante, ela seria a verdadeira dona da casa, e completamente responsável por sua própria vida. — Espero somente que tenha bastante juízo para cuidar de tudo, confio em você! Agora me deixe em paz menina... saia já daqui e não volte, não quero ser incomodado de novo! — expulsou ele severo.

A pobrezinha não entendeu nada, se retirou aturdida, meio tremendo e quase chorando, desceu as escadas aos tropeços, aflita com a situação apenas pensou: “ — Deus do céu! Coitado, está fora de si! Ele está cada vez pior. Amanhã mesmo chamarei ajuda! ”.



Quejada passou a noite em claro, sem conseguir pregar os olhos de tanta ansiedade. Imaginava todas as benfeitorias, proezas, honras e glórias que estava por realizar logo em breve. Estava também, naturalmente, nervosíssimo, pois se fosse apanhado escapulindo assim tão sigilosamente e visto tão aparatado de armas de guerra, logo alguém correria para tentar impedir sua partida. Mas era toda a humanidade que precisava imediatamente do auxílio de seu braço forte e ele não negaria essa ajuda jamais a seus semelhantes.

“— Ora, quem sabe, talvez os escritores façam um punhado de livros a meu respeito!” — pensou consigo.

“— Após ter passado uma noite inteira acordado, logo pela manhã, nosso herói se afastou de seu lar sem nem mesmo olhar para trás, com a coragem dos valentes foi seguir sua missão...” - recitou empolgado.

— Sim, caro amigo escritor! Óh, meu estimado e ilustre cronista: Este certamente seria um ótimo início para a história que vai contar todas as minhas extraordinárias façanhas! — imaginou sorrindo satisfeito e falando sonhadoramente sozinho. — (ou ainda pior, tentando de algum modo discutir e influenciar quem afinal está escrevendo a sua história nesse exato momento — no caso "Eu". Mas essa seria uma interação impossível, por isso vamos tentar ignorá-lo nisso!).

Depois, ele continuou pensando nos seus planos: — Agora, basta somente esperar a aurora do amanhecer! Pois pretendo bater minhas asas e levantar voo antes do primeiro raio de sol! — refletiu, mas sentiu a cama e as cobertas tão quentinhas e confortáveis que já ia ficando sonolento. Já estava até fechando os olhos quando deu-se conta: — “Tudo está tão perfeito! É exatamente como contado nas melhores histórias que eu tanto lia...”

— Aí! Calma lá!!! — sobressaltou-se de repente e sentou-se na cama rápido. Arrancou as cobertas de subto, e aflito, saltou de pé num pulo. Recordou abruptamente que cavaleiros sem amores não existiam nos livros — ou então, estes não eram verdadeiros cavaleiros!

Quejada ficou atormentado, andando de um lado para o outro no quarto sem saber o que fazer, coçando a cabeça e puxando os seus tufos de cabelo, desesperado:

— Como não pensei nisso antes! — Lembrou e lamentou.

Cavaleiro sem dama
É um corpo sem alma
É um campo sem grama!

Declamou este versinho e caiu de joelhos, penalizado: — Vai que no meio da aventura me deparo com um gigante arrogante. Luto com ele e o



derroto! Que valor terá está glória, sem ninguém para quem recomendar a minha vitória!? Era justamente por isso que os heróis sempre tinham um amor impossível, alguma mocinha em quem pudesse carregar no coração! — concluiu por fim.

Ele agora precisava arranjar alguma nobre donzela ou uma incomparável princesa, alguém para poder se apaixonar imediatamente e de todo o seu coração.

Resolveu que bastava ter calma e meditar sobre o assunto. Voltou a andar pelo quarto, mas desta vez devagar e com as mãos para trás, analisando e ponderando, tentando encontrar uma solução para o problema.

Não era raro um cavaleiro andante sair a proclamar a beleza inigualável de sua amada-dama, e se porventura, alguém discordasse da honestidade ou da beleza dela, isso já era motivo suficiente para iniciar um brutal e cruel duelo de morte.

Sendo assim, precisava unicamente de uma moça que fosse a mais bela de todas, deveria também ser bondosa e pura! Ela corresponderia, e também o amaria reciprocamente, porque afinal assim ocorria em todas as histórias que lera. E em troca desta preciosa dádiva, ele sempre se esforçaria ao máximo. Dedicaria somente para ela tudo o que fizesse de melhor!

Pois bem: lembrou-se que já tinha gostado de uma moça antiga-

mente, a quem ele no passado chegou a amar em discreto silêncio — mas isso havia sido apenas coisa passageira, foi um namorico bobo do seu tempo de rapazote. Agora aquela mulher já era uma senhora viúva cheia de filhos e netos, pelo que soube, e se tornara uma robusta cozinheira, rude e sem modos. Ou seja: Ficou feia! Portanto essa não lhe serviria!

Mas, certa ocasião, não a muito tempo, estava andando de passeio, apenas de passagem próximo a esse mesmo lugarejo, na aldeia de Toboso. Atinou-lhe felizmente a recordação de ter visto uma adorável mocinha nesse dia, muito parecida com aquela outra por quem havia se interessado no passado, mas essa, pelo contrário, ainda era bonita, jovem e alegre. (Vai servir!).

Mal conseguiu escutar quando alguém gritou chamando-a ao longe, daí, infelizmente, ela saiu e se retirou de cena. Parecia que chamava-se simplesmente Dulce, ou algo assim parecido. Certamente esse era um nome plebeu e simplório demais para uma moça tão elevada, portanto devia ter outro nome, menos comum, que combinasse mais com sua condição, algo que soasse melhor com a sua posição de nobreza.

Ora! Existem de fato muitíssimos mistérios na vida, principalmente nesses assuntos que tratam de coração e amor. Por isso, absolutamente do nada e sem motivo claro, Quejada acreditou que só podia ser o destino, logo muito sinceramente se apaixonou por aquela mocinha a qual havia visto somente uma única vez. Mas, contudo, não a teve como uma simples camponesa, mas sim, por



uma dama nobre, ativa e muito elevada, e soube com toda certeza que era única, sem igual, uma moça famosa e conhecida em todo o mundo. Ela só podia ser Dulcinéia, a princesa de Toboso!

Depois disso, atravessou toda a madrugada sem se preocupar. Chegando, afinal o grande momento: Vestiu completamente sua armadura, apanhou a lança e pegou o escudo, foi muito silenciosamente até a estrebaria, selou e montou seu fiel companheiro Rocinante. Cuidadoso, sem ser visto por ninguém, atravessou muito rapidamente toda a aldeia e logo estava em campo aberto, a caminho da aventura e também da liberdade.

Quejada cavalgou imponente, como faziam os heróis, em direção à aurora. Foi-se embora, todo cheio de alegria e loucura, apenas com sua amada Dulcinéia firme na cabeça. E claro: sem nunca pensar em maiores consequências.





CAPÍTULO II SEGUNDO ENCONTRO

Quejada cavalgou sem direção certa por toda aquela manhã, pensando apenas em se afastar o mais possível do seu vilarejo — tanto porque não queria ser reconhecido por ninguém como o homem comum que havia sido até então, como também para poder começar vida nova, lançando-se e fazendo seu nome em terreno desconhecido.

Porém, para sua angústia e total frustração, não havia se deparado com ninguém para quem pudesse perguntar aonde podia encontrar qualquer tipo de ação ou aventura — ou onde pudesse estar ocorrendo alguma guerra ou batalha da qual sentia ser necessário logo fazer parte.

Ou, quem sabe, obter notícias do paradeiro de algum errante gigante que se escondesse nas montanhas, assustando pastores, atacando cabras e ovelhas, fazendo o terror da vizinhança — seria fácil enfrentá-lo e dar fim às suas maldades e injustiças.

Quando o sol já estava alto no céu, seu estômago começou a reclamar comida, e sua boca estava seca demais. Apesar de Quejada desprezar essas necessidades e incômodos, o seu cavalo sentia o mesmo, e não fingia ignorar seu tormento.

O pobre animal seguia com olhos esbugalhados e suas patas bambeando para lá e para cá, em zigue-zague, tão devagar e penosamente que, quem o visse, era possível imaginar que estava a ponto de “bater os cascos”, ou seja, cair e morrer naquele mesmíssimo instante. (Devemos reconhecer que ele levava um homem de armadura completa, espada de pau, escudo de madeira, e uma lança de quase dois metros. Já era um cavalo idoso e fraquinho demais para essas coisas!).

Quejada não percebia nada disso, e parecia estar ligando pouca importância à situação, muito embora, por vezes, se dirigisse ao pobre equino falando-lhe afovelmente ao pé da orelha palavras de incentivo, como: “— Isso, amigo. Vamos com calma! Não queira disparar em galope! Guardemos forças para o que está por vir! Não se afobe por encontrar a aventura, meu bom cavalo! Deixe



que logo a aventura virá até nós. Seja manso, meu bom companheiro!” — Incentivava dando tapinhas no pescoço. Mesmo sem forças para tanto, Rocinante sinceramente tentava refugar, as vezes repuxando as rédeas ou dando alguns solavancos, sem, contudo, conseguir derrubar aquele velho infeliz da cela. “Ora! Galopes e aventuras!” — não estava gostando nadinha do assunto daquela conversa.

Não é de se admirar que Quejada não notasse o quão penalizado seguia seu cavalo, já que, por mais de uma vez, ele acabou cochilando aconchegado na crina rala e no pescoço magrinho dele. Rocinante já resignado até desistiu de relutar e parou de tentar jogá-lo ao chão. Agora, mais conformado, o levava calmante, póc-póc, passo á passo, com um sacolejar tão suave que o trote parecia até o ninar de um berço.

De repente, foi justamente no despertar sobresaltado de um desses cochilos que Quejada avistou algo cintilante no topo de um morro, como uma pequena estrela despontando ali no alto. Uma luz sobressaindo-se em pleno dia e refletindo intensamente os raios do sol.

Logo, tomou aquele brilho como um sinal e, sem demora, foi nessa direção.

Ao se aproximar mais, distinguiu perfeitamente um majestoso cavaleiro montado em sua imponente montaria — e não é preciso ser muito esperto para adivinhar que não era qualquer cavaleiro — pois estava completamente recoberto por uma armadura prateada, e com o rosto totalmente encoberto pelo elmo pontiagudo, enquanto das costas pendia a longa e obscura capa negra — até mesmo aquele seu animal de grande porte estava revestido por placas de aço sobrepostas. Todo esse metal era o que estava refletindo a luz do sol e ofuscando a visão, tornado difícil encarar aquela figura tão altiva e austera.

Quejada avançou e saltou de Rocinante, — que por um instante se sentiu aliviado acreditando que teria um pouco de descanso, finalmente! — Ele foi subindo a pé até o alto do morro, foi puxando o cavalo pela rédea numa mão, e com a outra cobria os olhos procurando proteger as vistas, mas de qualquer maneira já havia reconhecido quem era aquele personagem, por isso assim que chegou junto ao seu herói levou um dos joelhos ao chão, dizendo:



— Olá grande Amadis! É um prazer reencontrá-lo! Já deve saber que fiz tudo conforme ordenou, deixei para trás a minha casa e abandonei a velha vida! Já estou preparado para levar o valor do meu braço forte a quem necessitar! Sinto-me pronto para ingressar na antiga e eterna Ordem da Cavalaria Andante!

— Parabéns! Contudo, este é apenas o princípio da jornada... — retumbou a voz do cavaleiro Amadis. — Antes de tudo, deverá consagrar-se de fato cavaleiro, e para isso precisa encontrar quem o proclame formal e oficialmente.

— Grande Amadis, não poderia deitar a tua espada em meus ombros e consagrar-me cavaleiro cá aqui já, agora mesmo!?

— Ora, evidente que não! — respondeu Amadis reverberante. — As leis da cavalaria são bastante claras: exigem que o candidato seja ordenado somente por uma pessoa do mundo real e que esteja realmente viva!

— Então... que devo fazer?

— Já está no caminho certo... siga em frente até

encontrar um castelo mais adiante. Lá haverá um nobre bondoso e honrado, de modo que ele poderá iniciá-lo na cavalaria!

— Obrigado! Vou agora mesmo a este castelo, sem mais atrasos, pois pressinto que o mundo clama urgentemente para que me torne herói, o quanto antes! — afirmou Quejada entusiasmadíssimo. Saltou para cima do lombo do rocim de patas bambas, o coitado cambaleou de lado e quase caiu, mas manteve-se de pé, apenas dando um relincho em protesto — mas foi tão fraquinho e melancólico, que foi de dar pena!

— Espere! — ordenou Amadis. — Já estava esquecendo: Por acaso, tem uma princesa ou dama a qual carregar no coração?

— Sim, claro que eu tenho! — respondeu Quejada prontamente. Bem orgulhoso de si, por ter se adiantando no assunto e antecipando esse tema. E muito feliz, fez ares de apaixonado e soltando exagerados suspiros revelou sua escolha:

— Ela é a mui bela, sem-par e grã princesa, doce Dulcinéia, a Donzela de Toboso!



— Eu lamento... — disse Amadis. — Tenho pena pela decisão que terá que tomar agora, porque se vai mesmo tornar-se cavaleiro andante, devo alertá-lo: não voltará jamais a ver diante de ti a tua amada outra vez, pelo menos não enquanto estiver servindo como herói em missão! Poderá dedicar-se a ela, mas não poderá vê-la de novo de modo algum, nem chegar perto outra vez, ou correrá o risco de teus inimigos fazerem algum mal a esta moça, justamente para te atingir!

— Essa não! — exclamou Quejada abalado com essa notícia quase inesperada — embora já soubesse que enfrentaria problemas dessa natureza e imaginava que haveriam complicações românticas. Pois sempre era assim nos livros.

— Reflita bem! — advertiu Amadis. — Não quer ser um herói? Pois devo avisá-lo que ser herói é antes de tudo sacrificar a si próprio para o bem alheio! Por ventura, se ainda pretende ser cavaleiro afasta-te de tua princesa. Lembra-te: Ela é ao mesmo tempo a tua maior força e também teu maior ponto fraco!

— Óh, céus! Que dura pena é esta pela qual passam

os heróis! Não há castigo maior do que não poder ver a quem se ama! Um cavaleiro separado de sua amada é como um anjo separado de suas asas!

— Sim, mas não eternamente! — consolou Amadis.
— Somente enquanto estiver combatendo o mal do mundo! Depois, no fim, poderá revê-la livremente e até juntar-se para viverem felizes para sempre! Não se esqueça: Há dores, mas também há glórias! Por isso, Quixote, é bom ter pressa, pois quanto antes resolver partir, mais breve retornará aos braços de tua Dulcinéia de Toboso...!

— Sim! Estou bem convicto do que quero. Vou tornar-me um cavaleiro andante e o amor terá que esperar!
— afirmou Quejada resolutamente. — Só quero, se me permite uma correção, deixar claro que o meu verdadeiro nome é Alonso Quejada, e não é Quix...

Nisso, enquanto tentava fazer essa observação, de repente, o cavalo de Amadis empinou as patas traseiras e soltou um vigoroso relincho ensurdecador. Num instante a luz do sol fulgurou intensa, refletindo na armadura do cavaleiro, tão forte que o clarão cegou Quejada e obrigou



a desviar o rosto. Depois, quando voltou a abrir os olhos, percebeu que ele já havia desaparecido sem deixar sequer marcas de pegadas das ferraduras no chão, nem qualquer outro tipo de rastro — se desfez como se fosse feito de vapor!

— Óh, óh, óh! Mil vezes óh! Minha dulcíssima princesa, leide Dulcinéia! — clamou Quejada dramático, voltando-se para a amplitude do céu. — Impiedoso destino é este que nos separa! Mas prometo-te que anunciarei tua beleza e formosura por onde quer que eu vá, e tudo de bom e valioso que fizer, farei em teu nome! Assim, tua tristeza e minha angústia não serão em vão!

Feitas todas essas exageradas considerações, deu rédeas e bateu os calcanhares no cavalo para que se apressasse. Em reação, o animal lançou um olhar de soslaio para trás, virando a cabeça, muito inconformado, expressando a maior revolta e indignação que um bicho pode sentir contra seu dono. Bufou pelas narinas e se pôs a andar melancólico como antes.

— Não olhe assim, amigo Rocinante! — falou Quejada sorrindo bondosamente. — Não é preciso ter

inveja! Assim que eu puder, farei para você uns revestimentos de placas de aço, tão bons quanto os do cavalo de batalha de Amadis...

Bastante tempo depois, outra vez sem topar com pessoa alguma no caminho, já no fim da tarde, apareceu no horizonte uma estalagem — dessas muito comuns que alojam viajantes.

Acontece, porém, que Quejada não teve a menor dúvida de que aquilo não era outra coisa, senão um castelo de quatro torres muito altas, estandarte tremulando no topo, grandes muralhas e uma ponte levadiça estendida sobre um fosso que levava aos portões — e conseguia imaginar isso tudo completo e perfeito. Portanto acreditou que só podia ser o local que Amadis mencionara. Rumou para lá agradecido por ter encontrado o lugar. Rocinante também estava intimamente grato, pois ao que parecia, finalmente estava chegando ao fim aquela desagradável viagem sem rumo. A salvação estava naquele casarão que via despontar lá na frente...



CAPÍTULO III

CASTELO-ESTALAGEM

Assim que se aproximou daquele “castelo”, Quejada achou bastante estranho o fato de não tocarem uma trombeta ou badalarem algum sino anunciando sua chegada.

No entanto, no exato momento em que pensava que faltava um alguém qualquer que viesse recebê-lo, surgiram na porta da estalagem duas mulheres — bem aquelas do tipo vulgar, com vestidos um tanto justos, decotados e curtos, muito adequados segundo seus levianos propósitos.

Mas, indiferente à isso, ele nem percebeu a quantidade de pinturas que as moças tinham na cara, denunciando claramente a atividade a qual elas se dedicavam — ele não notou, e muito pelo contrário, acreditou de pronto que aquelas eram certamente duas principais princesas, ou quando não, as tomou por duas damas da mais alta descrição e compostura, e que não podiam estar ali do lado de fora do castelo para nenhuma outra coisa, senão recebê-lo com pétalas de rosas e outros gestos mui delicados.

As mulheres, assim que pousaram olhos em quem se aproximava e avistaram um estranho tão coberto de ferros e tão aparatado de apetrechos, assustaram-se. Trocaram exclamações entre si e depois esperaram, mudas, sem saber como agir.

Quejada, vendo tais hesitações das moças, tomou logo a palavra, para não as amedrontar:

— Não temam, donzelas! Sou de boa intenção e não vim travar guerra contra o vosso belo castelo cá em que habitam! — Ele disse com toda a pompa possível, de peito estufado, talvez tentando impressionar. Entretanto, as duas mulheres voltaram-se uma para a outra e se entreolharam sérias por um instante, depois não se aguentaram e caíram na maior gargalhada.

Quejada se sentiu bastante confuso e constrangido com a diversão delas, mas aguardou, paciente, para ver o que diriam a seguir:

— Afinal... o quê que é o senhor!?! — foi o que perguntou uma delas com desdém, assim que conseguiu controlar o riso, porque também estava bastante curiosa



em descobrir quem afinal era aquela figura que falava de um modo tão engraçado.

— Sou um cavaleiro andante... bem, quer dizer: quase! — corrigiu Quejada ao se lembrar que ainda não fora consagrado. Apressou-se logo a acrescentar: — Peço apenas pousada por essa noite e uma audiência com vossa majestade o rei deste castelo, se porventura tal nobre cá aqui se encontra! — Solicitou ele, caprichando no linguajar.

Novamente as vulgares deram gargalhadas, cambalearam e se apoiaram uma na outra para não cair no chão — se esbugalharam de rir sem nenhum pingo de respeito ou sem qualquer pudor — riram alto achando a maior graça, mesmo sem entender nada do que aquele sujeito lhes havia falado.

Ele logo se incomodou com isso, e ao perceber que elas não pareciam dispostas a parar com aquela gozação, ficou irritado a tal ponto que disse de um só grito:

— Quietas...! — exigiu zangado.

Imediatamente as duas se assustaram, e cessaram

com aquela zombaria. Só então ele prosseguiu:

— Melhor que não se riam tanto, senhoritas: Pois muito riso é pouco siso! Vão já para o interior do castelo e busquem alguém com quem se possa falar a sério! — concluiu por fim. E disse isso tudo com tamanha tal autoridade na voz que as vulgares imediatamente se calaram completamente e até o menor sorriso morreu-lhes nos lábios.

Percebendo agora que o homem não estava para brincadeiras, e temendo o contrariar — muito mais por não saberem quem afinal era ele de fato, do que por temor de que lhes fizesse algum mal — correram para dentro com a intenção de buscar o dono da estalagem, que era quem podia resolver o problema.

Passado um bom pedaço de tempo, elas retornaram. Junto veio o estalajadeiro, já bem informado sobre o ocorrido, porque as mulheres relataram muito detalhadamente o que se havia passado. Portanto, estava sabendo de que um certo alguém muito incomum estava ali à porta, largou o que estava fazendo às pressas e correu para fora



— só não esperava encontrar um sujeito tão esquisito e diferente.

As mulheres voltaram junto, tanto para o acompanhar — como também, claro, porque estavam agora curiosíssimas para ver no que é que tudo aquilo iria dar no fim. “Isso vai dar confusão!” Pensavam.

Quando o homem saiu, enxugando as mãos no avental, já encontrou Quejada desmontado do cavalo, e muito estranhou seus aparatos e sua vestimenta metálica. Contudo, sendo uma pessoa prestativa e cordial, ele não o destratou, antes, pelo contrário, disfarçou a desconfiança e falou com toda simpatia e honestidade que convinha:

— Bem vindo, senhor! — Recebeu o dono da estalagem. Um personagem típico: meio calvo, bigodudo, corpulento e barrigudo, usando roupas meio gastas e desalinhadas — características comuns à proprietários de pousadas e tavernas — envolta do corpo tinha até um avental sujo — pois quando as moças foram lhe dar o aviso, tão eufóricas e tagarelas, ele estava ocupado na cozinha lavando louças.

Porém, o que ele não esperava, e o que muito o sur-

preendeu, foi que Quejada antes de pronunciar qualquer palavra, sem nem mesmo se apresentar, deu um passo a frente e se pôs de joelhos, reclinou a cabeça, prestando o que parecia ser uma sincera reverência. “Que estranho e espantoso!” — Foram as palavras que vieram a mente do homem confuso. Só depois deste gesto inesperado, o recém chegado se reergueu novamente e manifestou-se, dizendo-lhe assim:

— Senhor-Castelão, se sois o rei regente desse castelo cá onde estamos, aceitai-me aqui, pois tão bom cavaleiro eu pretendo ser! Sou um humilde servo da verdade e da justiça, que vem de longa jornada para pedir tão somente um favor de grande importância! — concluiu por fim, recitando as palavras que havia ensaiado, embora se atrapalhando um pouco em deixar claro o que queria dizer.

Mesmo tão próximo, não reconheceu em cada um deles uma fisionomia perdida e ao mesmo tempo intrigada, que demonstrava que bem pouco, ou quase nada, o haviam compreendido.

— Ora bolas! Longa jornada... castelo... cavaleiro! — refletiu em voz alta o estalajadeiro esfregando os



bigodes tentando elucidar o que realmente se passava. — Infelizmente não temos cômodos disponíveis no momento, mas se o senhor quiser, pode entrar e passar a noite como melhor conseguir! — ofereceu de bom coração, o que fez as moças se sobressaltarem admiradas, sem compreender essa atitude, já que o homem era mais ou menos bravo, e não costumava admitir pessoas esquisitas e suspeitas no seu estabelecimento.

— Aceito passar a noite, sim! Mas não se preocupe com os cômodos e acomodações, Senhor Castelão! — disse Quejada. — Pois: O descanso do guerreiro é no campo de batalha! Sou herói: “Meu conforto é o confronto”! — explicou ele com voz bastante impostada e arrematando com essa frase de efeito. Então, tentando expressar mais modéstia e simplicidade continuou:

— Só gostaria, se isso não for pedir demais, que se trate com cuidado e zelo o meu valoroso cavalo. Esse meu amigo que tanto galopou, martelando chão duro e levantando poeira nos ares, só para trazer-me até aqui! — Pediu ele ameno e polido. E todos se voltaram para o pobre animal com total desconfiança, pois o cavalo era

tão feio e velho, magro e fraco, tão torto e acabado que não parecia capaz de dar sequer um passo, quanto mais trotar ou galopar para qualquer parte.

— Pode ficar tranquilo. Eu mesmo o levarei para dar feno e água. Faço questão! — disse o estalajadeiro-castelão — no fundo, ficou com pena daquele animal capenga. — Enquanto isso, por favor, vá entrando e sinta-se à vontade! — ofereceu com boas-maneyras, em seguida pediu para que as moças gentilmente o acompanhassem para dentro.

— Juro que nunca me esquecerei dessa maior amostra de mais humana-humildade, meu bom Senhor Castelão. — elogiou Quejada. — Que honra! Meu próprio cavalo, fiel companheiro de lutas, tão acostumado aos esforços e desconfortos, agora não só repousará em um estábulo real, como também será tratado pelas próprias mãos de um verdadeiro e nobre rei...

— Isso não é nada. Pois: “Somente servindo uns aos outros que nós seremos verdadeiramente livres!”. — Declarou o estalajadeiro, apenas repetindo por acaso o que ouvira de alguém certa vez.

Quejada imediatamente reconheceu a frase como



uma citação de um dos livros que mais gostava — pois aquele era justamente o lema dos famosos Cavaleiros da Tábula-Redonda. Daqui em diante, passou a considerar o Rei-Castelão como um dos mais entendidos e sábios em assuntos de cavalaria — disto também ficou satisfeito, afinal não havia ninguém melhor que pudesse ordenar ou consagrar alguém, do que um autêntico rei soberano, ainda por cima, sendo um profundo conhecedor e estudioso do ramo.

Após isso, Quejada apanhou suas armas e escudo, e entregou, com toda a confiança, as rédeas de Rocinante ao estalajadeiro, que prontamente o levou embora para o estábulo.

Em seguida, se aproximou das moças confiante, e inclinando-se cortesmente. Beijou a mão de cada uma delas com delicadeza, depois disse com suavidade: — Peço perdão se fui tão rude anteriormente, doces donzelas! Somente agora está claro para mim, que aqueles vossos risos não manifestavam maldade, mas sim eram risos de pura alegria e pelo enorme prazer de me receberem aqui!

Assim que ele fez estas inesperadas considerações,

as mulheres vulgares, por incrível que pareça, até ficaram meio tímidas — tornaram-se de repente encabuladas e sem jeito — pois, pela primeira vez, após muitos anos, verdadeiramente coraram-lhes as faces sem qualquer necessidade de pinturas.

Isso, porém, durou pouco, só por um mínimo instante, porque logo ficaram muito animadinhas outra vez, e também muito se impressionaram com o tamanho imenso daquela sua lança-rombuda — pediram até para tocar nela pondo-lhes as mãos — contudo a isso Quejada julgou exagero, um abuso de muita ousadia que não devia consentir, portanto, apesar de sentir-se ao mesmo tempo constrangido e lisonjeado, isso ele não permitiu.

O rei, ou melhor dizendo: o estalajadeiro, foi e levou o cavalo magrelo para um galpão meio decadente que ficava ao lado da estalagem, onde os hóspedes costumavam deixar os animais de montaria. Todas as divisões daquela pequena estribaria já se encontravam ocupadas, por isso o deixou numa baia com outro cavalo mais jovem, num canto lá pro fundo. Esse era um animal perdido e muito brabo, que não tinha dono, pois fora achado perambulando



pelos campos ao redor — talvez tenha sido abandonado por alguém porque era selvagem demais e não se dava com ninguém, e justamente por isso fora largado solto. Pensou com receio que juntá-los podia dar numa briga de coices, (neste caso o magrelinho não teria a menor chance!). Mas, no fim, os dois dividiram civilizadamente o espaço e logo se entenderam entre si sem qualquer disputa ou complicação.

Retornando para o interior da estalagem, o homem encontrou Quejada já sentado junto a mesa e ladeado pelas moças que lhe faziam companhia. Mais uma vez para a surpresa delas, o bom estalajadeiro veio e sugeriu que o recém chegado pedisse o que quisesse para comer e beber, pois devia estar com fome. Quejada, então, pediu-lhe para que trouxesse peito de faisão ao molho ou uma perna de cabrito bem assada, e que para beber qualquer licor fino, ou até mesmo um bom vinho, o que o rei recomendasse!

Sem qualquer espanto, o estalajadeiro informou que nada disso podia servir, e que só falou “que pedisse o que quisesse” como um modo de dizer, apenas por educação! Mas que se fosse do seu agrado podia trazer um prato com um punhado de cozido de lentilhas e um pedaço de pão duro amanhecido do dia anterior, além de um copo d’água para ajudar a descer tudo! Mesmo porque era só isto que estava servindo a todos que ali se hospedavam, já que aqueles eram tempos difíceis.

Quejada não se deu por insatisfeito, logo respondeu por sua vez que estava ótimo de qualquer forma, pois “o peso das armas não se podia levar sem o governo das tripas”. E que para sustentar as tripas tudo era válido, principalmente para os cavaleiros andantes, que não exigiam quaisquer preferências.

Uma das moças vulgares, inconformada e sem entender nada, puxou o estalajadeiro de um canto para que ninguém lhes ouvisse e perguntou num sussurro: - O que está havendo? Esse senhor me parece sofrer do juízo, ou até coisa pior!

- Sei bem o que é que há. – respondeu o homem em



voz baixa, com pesar. - Tive um irmão do meu pai que sofreu da mesma espécie de mazela! É meio triste isso, um alguém comum de repente pegar na cabeça um “faz de conta”! É maluquice das mais sérias, pode ser que o pobre nunca mais volte ao normal. O melhor mesmo é não contrariar! Fingir que o está entendendo: fazer de “faz de conta” também, entende?

- Não! E nem sei porque o trata com tanto apreço!?

- perguntou a mulher confusa e inconformada. - Não era mais fácil dar-lhe um bom pontapé no traseiro e lançá-lo para fora daqui!?

- Caso merecesse, sim! - respondeu o estalajadeiro com naturalidade. - Acontece, porém, que ele me tratou com muitas boas maneiras, maneiras esquisitas, de fato, mas fazia muito tempo que ninguém se dirigia a mim assim com tanto respeito e educação! Todos que vem aqui são encrenqueiros e só querem arrumar briga, não demonstram ter qualquer consideração pela minha pessoa, ao contrário deste maluco, que me chama de rei, me vê com admiração e dignidade, e até de joelhos se coloca só para me agradecer! - concluiu com um sorriso e um olhar

contemplativo de satisfação.

- Isso é verdade! – concordou a moça dando um suspiro. – Ele nos chamou de senhoritas e de donzelas, até beijou nossas mãos! Acredita!? Nós nunca somos tratadas desta forma, pois todos querem nos agradar somente com interesses duvidosos e más intenções! Este homem pelo contrário parece nos ter o maior respeito e se comporta com a maior delicadeza! Só agora eu consigo perceber: Que este aí não é um biruta qualquer, mas sim que é um tipo de doido muito bom!

- Eu acho que sim! – confirmou o estalajadeiro. - Só espero que ele continue tão bem-comportado e não arrume nenhum problema!

- Pode deixar: nós vamos cuidar muito bem dele!
- Prontificou-se a moça e voltou para a mesa alegre e contente. Por incrível que pareça, a partir daí as mulheres o trataram com os maiores mimos e agrados. Deram-lhe de comer na boca, esfregavam suas costas e massageavam seus ombros, sempre com risinhos e tentando deixá-lo o mais à vontade possível.

Os demais hóspedes observavam de outras mesas



com discrição, ou pelo menos, segurando os risos ao máximo enquanto comentavam aos cochichos, e apesar da curiosidade, ninguém quis se aproximar daquele sujeito incomum para lhe fazer perguntas. Em dado momento Quejada se sentiu à vontade, estava tão “às boas” com as “donzelas” que exclamou em alta voz:

- *Sou mais bem recebido aqui do que fora o belo cavaleiro Lançarote por suas damas!*
- *Muito boa vida é essa dos cavaleiros andantes!*

Neste momento, porém, deu-se por si de que não estava ali para isso. Não era digno de sua parte folgar daquela maneira recebendo os maiores mimos e agrados, enquanto o mundo agonizava, ansiando por sua ajuda e pelo auxílio de seu braço forte. Por isso, chamou o estalajadeiro para perto, e quando este se aproximou imediatamente se jogou outra vez de joelhos a seus pés, agarrou em suas roupas e disse exaltado: - Nunca d’onde estou me levantarei novamente! Enquanto não conceder um dom que lhe peço, que é o de armar-me cavaleiro, sendo

que antes disso não me é permitido entrar legitimamente em aventura alguma! Eu suplico para consagrar-me! Pois sem ser herói não posso salvar inocentes, nem espalhar a justiça!

O estalajadeiro vendo isso ficou sem jeito, insistiu para que levantasse, e que não lhe segurasse tanto assim nas calças com medo de que as arrancasse do corpo pelo modo como as puxava forte sem perceber, e foi falando encabulado: - Que isso amigo! Não é para tanto! Levanta-te homem que o povo todo está nos vendo! – contudo, como seus apelos não surtiam efeito, e envergonhado de se ver no centro das atenções, tentou afastar-se constrangido, se arrastando para longe, porque a seus pés agora Quejada o perseguia caminhando de joelhos, teimando e se agarrando cada vez mais forte em sua roupa, discorrendo os mesmos motivos e razões, e clamando com cada vez mais veemência que o tornasse oficialmente um herói - o que para todos que assistiam a cena era divertidíssimo e sem aguentar deram altas gargalhadas por verem nisso causa de muito sarro e riso.



Sem conseguir escapar, rapidamente o pobre estalajadeiro se fechou num cômodo. Quejada, ainda sem se retirar de diante da porta, de joelhos, batendo e gritando, sem desistir de seu propósito e pedindo para que atendesse seu pedido, não lhe deu qualquer alternativa além de abrir e permitir sua entrada. Por fim, concordou que faria qualquer coisa que quisesse desde que ficasse de pé e se comportasse direito. Contente Quejada concordou.

- Por Deus: O que é que quer!? – indagou o homem exasperado quando Quejada adentrou no cômodo e ficaram ambos a sós.

- Quero tão somente ser consagrado por sua espada real e tornar-me um verdadeiro cavaleiro da Ordem da Cavalaria Andante! E se estiver disposto a fazer-me esse benefício estará fazendo um grande favor também para toda a humanidade! – respondeu Quejada. – Quanto antes melhor. Posso começar agora mesmo a vigília ritual na catedral desse castelo, até quando for do vosso agrado

realizar a cerimônia!

- Era o que me faltava. Não vai encontrar nem mesmo uma capelinha qui... digo, nesse castelo! – corrigiu-se o estalajadeiro de repente lembrando-se de que não era muito bom contrariar malucos, então rapidamente completou: – Naturalmente a catedral está interdita pois está passando por reformas e completamente impedida de ser utilizada! Lamento...

- Isso é pena! Entendo bem estas complicações inesperadas! – ponderou Quejada. – Mas serão apenas contratempos, pois posso esperar até quando a Santa Catedral estiver concluída, nem que para isso deva ficar alojado aqui por longos meses ou até anos!

- Não! – sobressaltou-se o estalajadeiro assustado com tal perspectiva. – Nem será preciso! Não sei se sabe: mas por falta de algum templo para passar essa vigília, o próprio céu serve como cobertura, e ainda melhor, porque anjos e estrelas serão testemunhas da dedicação! – inventou o homem imediatamente, por perceber que seria este o modo mais ligeiro de se ver livre do sujeito maluco.

- Isso eu não sabia! Vejo que é mesmo um grande



entendido nos assuntos de cavalaria, senhor rei.– comentou Quejada. – É bom: Assim poderei velar as armas aqui de fora, no pátio, onde ficarei em profunda purificação, meditando e me concentrando em pensamentos bons, honrados e justos! Mantendo meu espírito puro e minha alma elevada. Igual deve ser sempre um verdadeiro cavaleiro!

- Evidente... – concordou o homem. E continuou, desta vez parecia até que estava gostando um pouco dessa brincadeira: – Aqui, logo ali lá fora, há um poço que pode servir bem de altar aonde deposite suas armas! – sugeriu com ares de sabedoria.

- Tudo isso parece certo! Já que vossa majestade é o maior dos entendidos do tema e não há porque não confiar em um alguém tão mais experiente! – afirmou Quejada.

- É verdade! Eu mesmo já andei pelo mundo a busca de aventuras! – explicou o estalajadeiro, ao que Quejada entendeu que ele também já fora cavaleiro andante, sendo que na realidade o homem só se referia a uma época de sua vida em que não havia sido muito boa-pessoa, e por isso praticava muitos tortos e desmandos, engabelava

viúvas e desfazia donzelas, subtraía pertences e fugia das autoridades, provando a sutileza das mãos e a ligeireza dos pés. – Por fim, eu me recolhi neste “castelo”! Costumo receber os cavaleiros aqui só pela muita afeição que lhes tenho! E nada me custa armar um tão bom, como parece ser, um dos melhores de tantos que já formei aqui! – disse o estalajadeiro entrando pra valer no “faz de conta”.

- Sou muitíssimo agradecido a vossa grande cortesia! – agradeceu Quejada. – Não saberei jamais como retribuir...

- Tem algum contigo? – perguntou o estalajadeiro referindo-se a dinheiros, meio que voltando a si, e cogitando se daria para ganhar algo com aquela situação.

- Não! – admirou-se Quejada. – Segundo os livros cavaleiros não precisam ter moedas...

- Engano! – corrigiu o estalajadeiro parecendo um pouco decepcionado. – Os livros podem não mencionar, por desnecessário. Afinal, não é de se esperar que as histórias de heróis sejam relatadas detalhadamente com todos os por menores. Por exemplo: Não seria nem nada elegante se um autor parasse no meio de uma narrativa



para descrever o herói tomando banho, ou pior, citar que ele teve que interromper a aventura e correr para alguma moita mais próxima porque estava apertado, precisando se aliviar!

- Tem muita razão! – disse Quejada segurando um riso. – Isso é muito perdoável ocultar!

- Por isso digo: que é claro que cavaleiros tinham também uma pequena arca, que nunca era mencionada, aonde traziam comidas e moedas, além de curativos para ferimentos que por ventura apanhassem!

- Pode ser: mas há de convir que não se pode lutar assim carregado de tantas bagagens, não é mesmo!? – argumento Quejada preocupado.

- Bem, em alguns poucos casos o herói é protegido por algum Mago-Amigo, e quando precisa ele envia um anão ou uma donzela voando numa nuvem, lhe trazendo uma redoma com água mágica da qual só uma gota é suficiente para curar e restabelecer toda a saúde! – contou o estalajadeiro, agora parecendo sofrer de imaginações muito mais do que Quejada. – Mas isso não é comum que aconteça, o normal mesmo é que estas tarefas menores de

carregar arcas fiquem confiadas ao fiel escudeiro!

- Escudeiro... nem havia pensado nisso!

- Não faz mal! E como será meu afilhado de cavalaria logo mais, te darei aqui já este bom conselho: Que depois de hoje arrume um bom escudeiro que o acompanhe. Não procure por virtudes e inteligência, mas escolhe alguém forte e bom carregador de peso, para que se previnam de muitas coisas de que possam precisar!

- Ótimo, obrigado por orientar! Não deixarei de fazer exatamente como me aconselha, senhor rei!

Após esta longa conversa, esclarecedora e instrutiva, Quejada foi velar suas armas em paz na parte de fora da estalagem, no patíbulo do poço que ficava apegado à estrebaria – a propósito onde, neste mesmo momento, seu pobre e velho cavalo se despedia de tanto esforço e sofrimento entregando-se ao sono mais profundo que possa existir, finalmente partindo para galopar nos campos do outro mundo!



O estalajadeiro contou a todos que estavam no salão sobre o que ocorrera enquanto estiveram trancados no cômodo. Admirados com a estranheza do ocorrido, alguns foram até o pátio e começaram a espreitar de longe. A noite era de lua tão clara que puderam ver Quejada andando de um lado para o outro, com calma e serenidade, na mais pacata compostura, passeando em torno do poço em que depusera as suas armas e armadura, estava seminu, apenas de calção. Logo, esse vai e vem, esse de cá pra lá sem sair do lugar, se prolongou tanto que todos se cansaram de o ver passeando em volta do poço, e retornaram para dentro para descansar e dormir. Já tinham perdido todo interesse naquele desatino sem sentido. Deixaram-no, pois, em paz com sua sandice, para fazer sozinho sua vigília, ou acompanhado apenas de seus desajustados pensamentos.

CAPÍTULO IV
CONSAGRADO CAVALEIRO

No meio da noite chegaram alguns viajantes para pousar na estalagem. E como já eram acostumados a pernoitar naquele local, acertaram que antes de entrar um deles fosse imediatamente ao poço dar de beber aos cavalos.

O rapaz escolhido para aquela tarefa estava aborrecido, e nem percebeu que havia ali mais alguém que caminhava silenciosamente. Porém, para que pudesse apanhar a água do poço o desavisado teve que retirar da frente e colocar aquelas armas no chão, e como estava muito mal-humorado ainda resmungou: — Quem foi o idiota que deixou essas tranqueiras aqui atrapalhando?

Nisso, Quejada ouviu esses resmungos, e vendo perplexo que um sujeito desconhecido tocava seus pertences mais valiosos com descaso, sentiu-se bastante ofendido e veio e falou:

— Alto lá! Atrevido!

— Nossa mãe! Homem, que susto! — exclamou o



rapaz, surpreso.

— Anda, fuge, salva já a tua vida, corre daqui depressa!

— ameaçou Quejada muito sério e zangado.

— Ah, velhote! Deixa de brincadeira que estou atarefado! — desconsiderou o rapaz lançando fora o escudo que ainda segurava. (Grande erro!).

— Valei-me Dulcinéia meu amor! — vociferou Quejada com os olhos no céu e respirando profundamente. — Ajuda-me, senhora minha, na primeira afronta que a este peito se apresenta: Não me faltem o vosso favor e nem o amparo do amor! — e dizendo todas estas bonitas palavras, alcançou a sua espada de pau, e erguendo-a, com ambas as mãos, levou-a para as costas e inclinando-se para trás o máximo que pode, com surpreendente flexibilidade e pegando distância, foi fazendo mira no rapaz que curvado de costas apanhava a água do poço distraído. Ele nem sequer pensou duas vezes nas consequências:

Pow!!!

Descarregou com toda a força tamanho golpe na cabeça do rapaz que esse só pode ouvir um estralo e caiu vendo estrelas.

Ficou lá caído tão maltratado e estropiado que não mais se pode levantar. Após isto calmamente Quejada apanhou e recolocou no mesmo lugar suas armas e parte de sua armadura. E voltou a caminhar com a mesma serenidade do princípio. Não sem antes dizer para o moço contorcido no chão:

— Satisfeito agora, delinquente!? Convencido da minha força e arrependido de ter me chamado a mim de velhote!? Viu só como acabou o teu desrespeito!? Responde-me agora, linguarudo: Se o melhor uso da boca não se faz dela fechada?! — dizia ele. E como não recebia qualquer resposta, tendo até mesmo os gemidos do pobre se silenciado devido que naquele instante perdera os sentidos e a consciência. Por isso finalizou: — Eu só não te darei outro golpe porque não convém a cavaleiros tripudiar sobre vencidos!

Acontece que nisso chegaram os outros viajantes, os amigos da vítima, saber porque o rapaz tanto demorava,



sem notar o que realmente acontecia vieram correndo salvar o companheiro que pensaram estar sendo atacado por um ladrão — e gritaram por socorro fazendo com que todos da estalagem acordassem e saíssem para ver o que ocorria lá fora.

— Senhora da formosura, esforço e vigor do meu debilitado coração, este lance é para pordes olhos da vossa grandeza neste cativo cavaleiro, que a tamanha aventura é chegada! — declamava eufórico Quejada, enquanto girava a espada proferindo palavras e golpes para todos os lados, alucinado, evitando que os amigos do ferido se aproximassem dele. Lutava com tanto vigor, agilidade e ânimo, que quem o viu não acreditou e muito se admirou, pois era inexplicável assim tanta energia num velhotinho daquela idade.

Então, sem conseguir atingi-lo ou poder se aproximar, os companheiros do ferido começaram de longe a atacar pedradas. E foram pedrinhas e pedregulhos, de todos os tamanhos e formatos, que choveram sobre Quejada, o qual, rapidamente tentava se proteger se

defendendo recorrendo ao escudo redondo de madeira, anteparando o que podia, e foi sua salvação.

— Parem! Parem! — vozeou o estalajadeiro que apareceu sobressaltado de pijamas para apaziguar a briga. — Não percebem que o infeliz é descoordenado do juízo e meio-louco das ideias!? — disse aos viajantes, que só assim pararam de o apedrejar, e ficaram bastante espantados ao descobrir que não se tratava de nenhum caso de roubo ou ladrões — e sim apenas de maluquice.

Quejada, como se não houvesse havido nada, se ergueu calmamente e largou o escudo, depois voltou a passear ao redor do poço, velando as armas com a mesma quietação e sossego de antes. Enquanto isso o ferido era recolhido para dentro para poder tratar da cabeça despedaçada. O estalajadeiro não gostou nada dessas estripulias, por isso decidiu abreviar logo o tal disparatado cerimonial e ver se o velhote batia asas e ia embora logo antes que causasse mais atribulações com aquelas suas manias.



— Mil perdões! — desculpou-se o homem dissimulado. — Pelo modo insolente com que essa gente baixa trata cavaleiros por aqui! Eles serão todos muito bem castigados por isso, depois. Agora, precisamos iniciar a sua condecoração, não concorda?!

— Já! — retrucou Quejada frustrado. — Mas eu mal comecei o ritual de vigília!

— Bobagem, besteira: como bem se sabe, essa parte pode-se pular ou ser bem abreviada, devemos encurtar a espera e adiantar as formalidades, ainda mais quando o cavaleiro está tão empenhando e mal podendo esperar para entrar em brigas e lutas, como me parece que é o caso aqui. De qualquer modo, o que vale mais mesmo, assim como no batismo é a água benta, na ordenação de cavaleiros o importante é a espadada que se dá no ombro do pretendente, e isso se pode fazer em qualquer parte até mesmo em campo aberto, e a qualquer momento, incluindo cá aqui agora e já!

O estalajadeiro chamou as duas mulheres vulgares para tomar parte no cerimonial, e pediu para um seu criado que fosse apanhar o cavalo do maluco na estrebaria. Apanhou um caderninho de contas em que costumava anotar as dívidas dos seus fregueses, uma colher de pau comprida que era o que tinha que mais se parecia com uma espada.

Emocionado e vertendo lágrimas, Quejada se ajoelhou solenemente diante do estalajadeiro, que se fazendo de rei começou a fingir que lia em seu livro de contas murmurando palavras num latim todo inventado: — Oh... sopus de ervilhum! Pratum de lentilhum! Batatus sacus! Devit max quinzium reales! — foi dizendo essas coisas sem sentido, mas que soavam muito bem. E as moças segurando tocos de velas, beliscavam-se uma a outra, se aguentando para não rebentarem de rir da situação. Foi só isso, até que o estalajadeiro inclinou-se e perguntou baixinho: — Qual vai ser o teu nome de herói?



— Como assim? — indagou Quejada, pego de surpresa.

— Ora, e não sabe que daqui pra frente, assim como quem nascesse outra vez novamente, será cavaleiro e então terá outra vida, e por isso tem que deixar de ser quem era e ser quem será, e ter também um novo nome! — explicou o estalajadeiro querendo dar um tom grave e demonstrando que apesar de tudo levava a sério o que ali se realizava. Quejada lembrando-se do como Amadis insistia em referia-se a ele desde o princípio, lhe pareceu muito claro e acertado que teria que ser dali pra frente chamado de: Quixote!

— Quixote! Que estranho...! — exclamou supreso o rei-estalajadeiro. — Não é nada comum, mas combina com sua figura, e até que esse nome soa bem, e pode lhe trazer alguma sorte! Rá-ram. — disse limpando a garganta para depois prosseguir: — Pois então... por São Pedro, São Paulo, São José, São João, e todos os outros mais que também são Sãos! Por Jesus — que me perdoe! — e pelo Espírito Santo de Deus — que te salve e cure! Agora eu o declaro Quixote, o mais

novo Cavaleiro da Mancha! — nomeou o estalajadeiro batendo com a colher de pau nos ombros de Quejada, para em seguida limpar também uma lágrima mínima que rolou pelo seu rosto, porque no fundo ele também estava um pouco emocionado.

As moças agora com ares sérios, aproximaram-se com rostos sem risos, mantinham semblantes solenes, apanhavam cada parte da armadura que estava solta e revestia o corpo de Quejada, por fim entregaram-lhe as armas e o escudo.

Nisso veio o criado que fora mandado buscar o cavalo na estrebaria e falando muito ao pé d'ouvido do estalajadeiro contou que o pobre animal do velhote havia “batido os cascos”, já estava duro e frio feito pau, mas que pelo menos o pobre partira pro outro mundo com uma cara de feliz. Ao ouvir isso o homem lembrou-se do outro cavalo que havia, que fora achado e não era de ninguém, e ordenou que buscasse esse mesmo, o Sem-Dono, que era como havia sido chamado até então. — Assim será melhor, pois com montaria mais jovem e veloz, logo estará bem longe daqui, esse maluco! E aposto que nem



vai ver a diferença! — sussurrou o estalajadeiro discretamente. O único detalhe é que o animal era arisco e até o momento não permitira que ninguém chegasse perto, quanto mais o montasse, seria difícil imaginar Quejada não ser lançado ao chão quando tentasse subir sobre ele.

— Chegou o momento de partir! — disse logo o estalajadeiro apressado. — Já mandei buscar seu bom cavalo companheiro de sempre! Deve estar com saudades!

— Obrigado por tudo, obrigado mesmo Senhor Rei! — agradeceu Quejada satisfeitíssimo da vida. — E quanto as senhoritas: Dei-me a honra de saber, como vocês se chamam? — perguntou voltando-se novamente para as moças.

— Somos meia-irmãs: essa é Toleda, porque ela nasceu em Toledo, e eu sou Moleira, porque nosso pai era um habilidoso moleiro que amava muito a sua profissão, e não tinha nenhuma criatividade pra mais nada! — respondeu uma delas.

— Pois fiquem sabendo que a partir de já devem acrescentar o título de “dom” antes dos seus nomes!

Assim ficaram sendo: Dona Toleda e Dona Moleira! Serão duas donas damas, das mais principais que se possa existir nessa terra, e devem se comportar como tal: com discrição, recato e honestidade! Não permitam que se faça qualquer ofensa, agravo, ou qualquer mal julgamento de suas pessoas! Para tanto, fique bem entendido que são ambas as minhas muito protegidas! Que se souber a qualquer tempo que precisam de mim, voltarei de onde for, e que sou capaz de virar o mundo do avesso para conservar vossas vidas, e não pouparei esforços em manter suas honras e inocência inteiras e intactas! Nisso dou minha palavra! — disse ele tudo isso num tom tão bondoso e gentil (e tão ingênuo) que as moças ficaram tão sensibilizadas que pularam sobre ele lhe abraçando e o cobrindo de beijinhos no rosto e na testa, pois ficaram por ele muito cheias de carinho e afetuoso respeito.

Quejada ficou muito sem jeito por ver-se a si tão cercado e assediado pelas “princesas”, mas ficou também feliz, e com gentileza as afastou um pouco. Após isso, acrescentou voltando-se ao estalajadeiro:



— Meu Senhor Rei Castelão, não desampare essas moças, antes as trate da melhor maneira que merecem, porque com isso nada se perde e muito se ganha: Pois regando as flores é que se mantém um belo jardim! E estas são duas flores esplendidas que só fazem enfeitar esse nosso mundo! — o estalajadeiro olhou, e como se fosse a primeira vez, viu as duas moças de outro modo, um pouco constrangido, sentindo-se um tanto envergonha de si, disse: — Tem toda razão e a partir de já vou tratá-las melhor! — prometeu.

Nisso retornou o serviçal trazendo aquele outro cavalo, com certa dificuldade, pois era feroso demais e repuxava, soprava forte pelas narinas largas e tinha um relinchar vigoroso.

— Que ansiedades são estas, meu bom amigo Rocinante! — disse Quejada demonstrando que realmente não percebera mesmo a troca, assim como o estalajadeiro havia previsto.

— Velho companheiro, o estábulo real só te fez bem! Parece que está muito renovado. Eu também me sinto

revigorado, agora que sou verdadeiramente cavaleiro!
Vem Rocinante, vem que também sou feliz por te ver!

Nesse instante, por incrível que pareça, Quejada se abraçou ao pescoço do cavalo, que surpreendido e espantado parou de fazer qualquer movimento e arregalou os olhos desconfiado, pois estava pensando em dar-lhe um belo coice quando viu o velhote se aproximar tão confiante. Porém, para completar, ele ainda lhe deu um beijo estalado no topo do focinho, e o cavalo deixou de se agitar, e antes ficou confuso, mas sem querer mal algum a quem muito afetuosamente lhe tratava. E a partir desse instante tornou-se muito seu amigo e foi manso para com ele até o final. Todos que a isso assistiram se admiraram, incluindo o estalajadeiro que o ajudou a montar no cavalo. Incrivelmente o animal ficou como encantado e permitiu, manso e bondoso, só faltou somente se abaixar para lhe facilitar a subida.

“O que esse homem tem de louco, tem também



de alguém muito especial!” — pensou consigo o estalajadeiro profundamente intrigado, mas sentindo-se também satisfeito, ele serenamente sorria por debaixo do bigode. Trocaram palavras corteses e fortes apertos de mãos, as moças jogaram-lhe beijos no ar e acenaram dando-lhe adeus. E assim Quejada, agora um verdadeiro cavaleiro, se foi pela estrada, deixando para trás aquela estalagem-castelo, e farejando a frente o futuro — e também novíssimas aventuras!

Segundo se conta, e segundo também quero acreditar: Após aquele dia as mulheres nunca mais voltaram a ser vulgares ou maliciosas, muito pelo contrário, uma se foi para um convento e lá residiu com toda a castidade e recato. A outra moça também ficou honestíssima, e até melhor: porque esta constituiu uma boa família, e deve-se salientar que foi bastante feliz e muito fiel, sempre ao lado do seu marido com quem mais tarde se casou, que não foi outro senão o

próprio estalajadeiro que por ela tinha desde sempre muito amor escondido — que naquela mesma noite juntou coragem e lhe revelou.

Ninguém mais pôde se esquecer daquele estranho maluco, mesmo porque ele tornou-se famosíssimo e muito comentado em todas as terras da Hispânia, como aqui mesmo vai se contar. É uma pena que após esse dia jamais voltaram a encontrá-lo novamente.

Pelo menos, é bom que saibam, que o rapaz da cabeça despedaçada conseguiu se recuperar e ficou bom de saúde, (que bom!), e ficou também com muita educação, porque prudentemente jamais tornou a chamar pessoa alguma novamente de velhote!



CAPÍTULO V ALVOROÇO NA ALVORADA

Já era a hora d'alva, quando uma claridade desponta no horizonte anunciando o amanhecer de mais um novo dia. Quejada, que agora finalmente o podemos chamar de Quixote se preferirem, estava tão contente e alvoroçado por ter sido armado cavaleiro andante que queria encontrar logo seu amigo Amadis para poder contar a novidade. Só não sabia onde procurá-lo, já que era sempre ele quem o encontrava, ou aparecia ocasionalmente pelos caminhos.

Então, recordou-se, de repente, daqueles conselhos do “bondoso rei” que o consagrou, por isso determinou voltar a sua casa tão somente para se prover de tudo o que ele havia mencionado, incluindo o tal escudeiro que lhe podia vir a fazer falta.

Porém, pouco tinha avançado no caminho de volta, quando ouviu altos gemidos, vozes lamentosas de socorro que saíam de dentro de um bosque pelo qual passava perto, como se fosse de alguém a sofrer e lastimar dores.

Quixote se aprumou no cavalo, pois viu nisso uma grande oportunidade de mostrar seu valor: — Graças rendo aos céus, pelo favor que me faz, pois tão depressa já me põe diante da ocasião de cumprir o que devo na minha nova profissão. Estas vozes quem as solta, sem dúvida, é algum triste, pobre, e necessitado que com certeza precisa urgentemente de meu amparo e ajuda! Pois então: Lá vou eu!

Disse e deu então rédeas ao cavalo, e com bom animo e presteza respondeu o novo Rocinante, encaminhando-se para onde vinham os gritos. E logo aos primeiros passos de aproximação, avistaram-se duas pessoas, sendo que uma era um rapazito jovem que estava amarrado num arvoredo, e era esse mesmo quem tão alto gemia, e com toda a razão, porque estava ali também um homem brutalhudo que cruelmente o afligia batendo-lhe nas costas com uma correia, e a cada açoite lhe dizia uma rude repreensão:

— Bico fechado!

Chupleft

— Aiii!!!



— Olho vivo!

Splaaf

— Aiii!!!

— Atenção!

— Pare, eu imploro! Pelo amor que tem a Deus, seu Eurico! — suplicou o menino terrivelmente desesperado e aos prantos. — Não tornarei a repetir nada disso. Prometo!

Vendo tamanha crueza e brutalidade, Quixote não se omitiu. Veio com rapidez, cheio de fúria, tanto foi que assim que apareceu imediatamente amedrontou o homem, que ficou assustado pelo modo repentino com que surgira do nada, irado, dizendo:

— Alto lá! Detenha-se, malvado verdugo⁷! Não vai mais praticar covardias! — desafiou, de modo alucinado e heroico — Vem enfrentar-me e terás a justa paga por tua demasia!

— Calma! Que não sou de briga! — alegou o homem prontamente erguendo as mãos abertas — ele era apenas um fazendeiro comum, um típico pobre propretário de

⁷ **Notinha de rodapé:** Verdugo é o mesmo que carrasco, alguém bem malvado que não tem pena ou vergonha de castigar os outros.

muitas terras, que ficou tão impressionado de ver alguém de armadura antiga e apontando uma lança bem na sua cara, que mal conseguiu falar: — Este aqui que estou castigando não é ninguém, não! É só apenas meu criado Andrés, que me desobedeceu e fez o que não devia. E agora está recebendo um simples corretivo... — balbuciou ele, tentando se explicar.

— Ora, vilão ruim! Como encontra coragem de dizer que uma pessoa humana por acaso não é ninguém!? E que permissão tem tu para lho castigar? — Quixote exigiu saber, com o senho franzido, semblante retorcido de raiva e expressão de fúria no olhar.

— Bem... é que esse menino me serve de pastor de ovelhas, mas é tão descuidado e distraído que todos os dias me perde alguma! — explicou o fazendeiro tentando se justificar. — Pior ainda, é que ele não tem vergonha, e me faz calúnias e difamações, com a ousadia de espalhar por aí que estou lhe devendo dinheiros, sem querer pagá-lo!

— Isso não é motivo nem desculpa! Já tive também um menino criado em casa, quando eu ainda era pessoa



comum, ele sempre me aprontava alguma travessura, e nem por isso eu o castigava com maus-tratos! — argumentou Quixote recordando-se do garoto prestativo que residia em sua casa e de quem tanto gostava. Ficou ainda mais enfurecido: — Arg! Seu desalmado! Veja bem que já estou no vai-não-vai para lhe atravessar com o cúspide⁸ dessa lança! Solte já o rapazote desta árvore, e pague logo sem demora tudo o quanto lho⁹ deve! — ordenou enérgico e muito irado.

Por fim, o homem baixou a cabeça e despreendeu o garoto ovelheiro, desamarrando-o da árvore. Quando perguntado sobre quanto era a dívida, o menino disse que a quantia era: — Muito mais de um conto! — Então o homem protestou indignado, e interrompeu alegando que nem era tanto assim. — Eu lhe comprei sapatos novos! E quando ficou doente paguei um barbeiro-cirurgião para lhe dar alguns cortes de sangria¹⁰ para que pudesse se curar...

— Não importa. Porquanto o couro gasto do sapato fica pelo couro que agora tirou das suas costas afligidas,

⁸ **Notinha de rodapé:** Cúspide, na mitologia refere-se ao tridente de netuno, o deus romano do mar. Porém aqui apenas significa "ponta", mesmo!

⁹ **Notinha de rodapé:** A contração do pronome oblíquo "lhe" com "o". Bem Pouco usual, mas é uma forma floreada de Quejada falar!

e se recebeu sangria quando estava enfermo, com esses açoites, derramou seu sangue do mesmo modo estando ele saudável, e sem qualquer necessidade! Portanto, nesse particular não há mais que ver: São contas justas! — explicou o cavaleiro, que apesar de parecer maluco, manteve-se racional, e não se deixou enganar.

— Agora, pague o serviço do pastor! — exigiu outra vez Quixote erguendo a lança e mirando impaciente, como quem estivesse mesmo em tempo de transpassar o outro com a ponta da arma.

— Certo! — concordou o fazendeiro. — Mas não tenho aqui dinheiros para desembolsar tal quantia. Se Andrés vir comigo, e me acompanhar, eu lho pagarei certinho!

— Eu...? Ir com ele! Nem pensar! — exclamou o garoto desconfiado. — Se ficamos a sós novamente ele me esfolo todo outra vez!

— Tal assim não fará! — garantiu Quixote. — Não percebe que ele me acatará respeito? Pela ordem de Cavalaria que professo e como Cavaleiro Andante que tão bom eu sou, pode dar já o pagamento por seguro!

¹⁰ **Notinha de rodapé:** Tratamento medieval que consistia em retirar o sangue do paciente, feito sem muito critério e para diversas mazelas, principalmente nas quais não se sabia mais o que fazer. As vezes até funcionava. Um método mais sofisticado incluía o uso de sanguessugas.



— Veja bem, meu senhor! — advertiu o rapazito alarmado. — Este não é cavaleiro algum não, pelo contrário: é Eurico, o Rico! O qual todos chamam de Eurico Avarento, ou ainda Eurico Ganancioso.

— Moleque linguarudo, pare já com esse desrespeito comigo! — retrucou o fazendeiro bravo de raiva.

— Pouco importa isso, também! — desconsiderou prontamente Quixote. — Porque muito mal o povo pode falar de qualquer um, até mesmo de um homem bom e bem honesto que seja. Eu mesmo já sofri calúnias quando disseram que eu próprio era um lunático, estando eu tão lúcido como estou agora.

— Anda garoto, vem comigo, amigo! Vem Andrés! — disse Eurico, sorrindo. — Deixemos isso de lado: estou até arrependido, não importa o quando devo que eu pago com gosto! Vem!

— Isso mesmo. Paga e fico contente! — falou Quixote dando rédeas a Rocinante e iniciando a se afastar, dando a questão por resolvida. — No fim, não me parece tão ruim quanto pensei, senhor Eurico! Mas não se esqueça do prometido e jurado! E para ter a satisfação de saber quem

o intimida: Sou o valoroso Cavaleiro Quixote da Mancha, um desfazedor de agravos e de causas sem-razão!

— Pode ir sossegado, cavaleiro! E obrigado pela reprimenda... — disse o fazendeiro acenando um adeus. — Vá-se em paz, valente herói da Mancha!

— Espere, senhor, que eu... — quis dizer o garoto, mas sem tempo, pois o fazendeiro o tapou a boca e prendeu seus braços completamente.

— Fiquem com Deus, os dois! E atenção: Olho nas ovelhas. Não vá perder mais nenhuma, meu bom garoto ovelheiro! — foi dizendo Quixote, que já estava de costas e se afastava sem ver ou notar o que acontecia por de trás dele.

O fazendeiro malvado, vendo que o estranho cavaleiro sumia ao longe, já se retirando do bosque e voltando para a estrada, amarrou novamente o pobre menino no arvoredado e recomeçou a castigá-lo do mesmo modo de antes, mas com muito mais raiva e ódio. E o garoto infeliz agora tinha a boca tão amordaçada que nem podia lançar seus gemidos como antes. Eurico era quem muito falava:

— Chamai agora, senhor Andrés, pelo velhote desfa-



CAPÍTULO VI CONVÉM CONFESSAR

Ora, aqui vimos de que forma Quejada desfez o primeiríssimo agravo de injustiça com o qual se deparou; (Que fiasco!). Embora ele, porém, não pensasse assim. Aliás, muito pelo contrário, pois seguia tão todo satisfeito de si próprio que ia se vangloriando e dizendo:

— Bem logo fui oficializado cavaleiro e já desfiz um torto! Eu sou mesmo tão bom... logo estarei nos livros!

Nisto chegou em um caminho em cruz, pois outra estrada cortava aquela via por onde seguia, imediatamente então vieram-lhe à lembrança as grandes encruzilhadas onde os cavaleiros se detinham para refletir sobre suas jornadas. Por isso, parou e ficou pensando consigo:

— Uma estrada forquilhada simboliza um homem dividido pelo destino! Difícil saber que caminho tomar em bifurcações. Assim são os heróis quando se encontram encruzilhados na estrada da vida! — Quejada ficou ali

divagando essas filosofias e acabou cochilando um pouco por sobre o cavalo sem perceber. Só despertou ao ouvir o tropel de cavalos que anunciava a chegada de pessoas montadas vindo pela outra estrada, que eram, como depois se veio a saber, uns meros mercadores de Toledo, apenas. Entretanto, assim que Quejada avistou tantos cavaleiros teve logo para si ser coisa de nova aventura. Concluiu que era boa oportunidade para estabelecer sua fama e se fazer conhecido daquela comitiva de nobres “príncipes”. Por isso se pôs na frente, bloqueando a passagem, aguardando que bem se aproximassem e alto falou:

— Alto lá, meus senhores! Todos aqui se detenham, pois se desejarem prosseguir em paz, convém confessar agora mesmo que a formosa Dulcinéia de Toboso é a mais bela dama do mundo inteiro!

Os mercadores surpresos acharam tudo muito absurdo, tanto os trajes de armadura que usava quanto as coisas sem sentido que falava. Por isso não levaram a sério e um dos mercadores que não estava com paciência para conversas disse:



— Maluco, nós não conhecemos Dulcinéia nenhuma! Saia já da nossa frente e nos deixe passar que é melhor! — avisou e tentou passar, mas o novo Rocinante se adiantou, e cortou na frente outra vez, bloqueando o caminho.

— Seu infame infeliz, prepara-te já para a luta!

— Calma aí, senhor! — apaziguou depressa um deles, o mais moço, que era curioso e gostava de ser brincalhão. — De quem é que esta falando afinal? Quem é essa moça?

— Sou o famoso Cavaleiro Quixote, se é que não me reconheceu ainda! Sendo assim eu não poderia, portanto, estar me referindo a nenhuma outra senão a mais bela dama, a única e sem-par, Princesa Dulcinéia Imperatriz de Toboso!

— Ora, então por que é que não nos disse isso logo! — falou o rapaz rindo por notar que provavelmente o velhote tinha miolo mole.

— Nunca a vimos! Por favor, deixe-nos passar! — pediu um outro homem mais pacato vendo que tal encontro não podia dar em boa coisa no fim.

— Claro, eu deixar-vos-ei seguir: Conquanto basta para isso antes simplesmente fazerem imediatamente o que vos ordenei! — respondeu Quixote irreduzível e teimoso.

— Argh! Alguém tire esse imbecíl desmiolado do caminho, ou eu...

— Espere! Vou resolver! — disse o rapaz brincalhão. — Será que o senhor poderia nos mostrar um retratinho pintado desta donzela e então poderíamos opinar sobre sua beleza com a consciência mais tranquila! Porque, como se diz: “É pelo tamanho do dedo que se conhece um gigante”. Quando não: “É por um fio que se puxa todo o novelo”.

— Nada disso. Deveis acreditar sem vê-la! Assim como se crê no Deus acima de nós! Além do que não são dignos de admirá-la pondo olhos tão gordos e esbugalhados sobre tão pura beleza! Por isso repito: Sem vê-la haveis de reconhecê-la. Porque quem assim não concordar ser ela a mais bela do mundo... ora, então que venha e lute! Entre comigo em batalha: Quer venham um por vez como manda as leis de cavalaria,



quer venham todos de uma só vez, de roldão como é costume de gente da ralé! — desafiou.

— Espere! — protestou o rapaz. — Que isso, para que tanta briga? Basta que nos diga então como poderemos saber se essa Dulcinéia de quem tanto fala não é por acaso uma princesa feiosa, corcunda e vesga! Afinal, ela pode ser torta de um olho ou manca de uma perna, não pode!? — disse o brincalhão fazendo troça e rindo.

— Não é nada vesga ou corcovada! — esbravejou Quixote mal podendo acreditar em tamanha afronta e ofensa. Arremessou-se à frente furioso batendo calcanhares em Rocinante. Arremeteu-se com tudo contra os mercadores, de lança em riste, querendo acertar quem quer que fosse, pois, tomado de tanta raiva fechou os olhos bem apertados.

Acontece que o novo Rocinante era tão afoito e inexperiente que não viu que uma pedra impedia seu caminho, e nela tropicou tão feio e de mal jeito que afocinou de cara no chão e foi rolando. Quixote, nisso

foi arremessado tão alto e tão longe que sentiu por um instante voava, isso pelo menos até que se esborrachou contudo no gramado — sorte que era um gramado macio e fofo. Tentou levantar, mas estava muito desconjuntado e com tonturas, de modo que não conseguiu nem ficar de pé. Sem poder fazer nada diferente, vendo seu mundo rodar, fez apenas o que conseguia e por isso não pode calar a boca, e começou a gritar ofensas a plenos pulmões:

Malditos Meliantes!

Gente Indigente!

Corja Covarde!

Infelizes e Infames!

Os viajantes ainda riam do tombo que ele levaria, mas um dos mercadores, aquele que não estava com paciência desde o começo, desceu de sua montaria tão vermelho e irritado, que nada o pode deter. Tomou a lança caída e com ela desfechou tamanhas tantas pancadas em Quixote sem que esse ao menos pudesse se defender ou reagir. (Exceto gritando ofensas e desafios!). E levou cada vez mais bordo-



adas nas costas e nas costelas, que ficou mais moído que um bagaço. O homem só parou de lhe bater devido aos outros que vieram segurá-lo, e também porque a lança foi ficando tão torta e desfeita que por fim se partiu em várias partes.

Nem assim, Quejada deixou de vociferar-lhes ameaças ferozes, porque, apesar da surra, devemos nos recordar que ele ainda estava vestido de armadura e foi somente por isso que não se machucou ainda mais gravemente, porque os ferros já amassados e o metal retorcido o protegeram de ter maiores lesões e contusões, e ficar em pior situação.

Os mercadores conseguiram a muito custo dominar aquele que estava fora de si, e o convenceram de que deviam seguir viagem logo imediatamente, pois, se um parente do velhote biruta aparecesse, seria difícil acreditar que foi ele próprio que por “muito—nada” dera início a toda aquela confusão — quando não, alegariam que era louco, e por doído muito bem se livraria de qualquer culpa. Por isso, montaram e seguiram adiante, deixando o cavaleiro tolo caído no local.

Quejada ficou só — não tão só, somente porque Rocinante após se recompor do tombo veio arrependido e envergonhado de si, começou a acariciá-lo fungando-lhe com as narinas largas.

Ele esperou e descansou um pouco, antes de tentar levantar-se novamente, mas nem assim conseguiu se erguer. Ficou rolando e gemendo, todo espancado. Ainda assim, por incrível que pareça, ele acreditava que não estava tão ruim assim, imaginando que isso era normal, enfim eram apenas as desgraças naturais, próprias dos cavaleiros andantes:

— São as dificuldades corriqueiras da vida de herói!
— murmurou com uma voz gloriosa e também dolorida.
— Calma, Rocinante! Estou cá decaído sim, mas nunca derrotado e jamais me darei por vencido! — disse para o cavalo que deu um relincho compreensivo e se acalmou.

— Fiquemos aqui quietinhos, pois vou ver se recobro as forças para me pôr de pé, e ver se posso dar um passo!



Vamos esperar um pouco, porque por agora, minhas pernas não se firmam e meus joelhos nem se dobram!

Ficou ali, estendido no chão, mais indefeso que uma minhoca sobre a pedra! Já que não podia se mover quase nada sem que lhe doesse todo o corpo, e era difícil até mesmo se arrastar. Escutou um barulho, e percebeu que alguém se aproximava com um suave caminhar, contudo, como não podia nem virar a cabeça, não podia também avistar quem vinha se aproximando. Assim mesmo, disse: — Desconhecido, se for amigo: Chega agora em muito boa ocasião de me ajudar! — mas foi só dizer isso com tanto ânimo e esperança, que suas expectativas se mostraram enganadas, pois de repente:

POW

Levou um tamanho chute nas costelas que por um instante lhe suspendeu a respiração e perdeu o ar de seus pulmões. Atordoado, rolou de dor, e após a aflição momentânea não pode avistar muito bem quem lhe agredia, mas

conseguiu ouvir bem quais eram os seus argumentos:

— Ajuda, seu maluco! Se não fosse tão intrometido, eu teria apanhado bem menos do que apanhei! — gritou Andrés revoltado, o menino ovelheiro vinha todo marcado de cintadas e com o rosto inchado de choro: — Eurico Rico ficou rindo e zombando, enquanto eu fiquei ainda mais pobre e chorando! — falou isso e foi correndo embora zangado, mas não sem antes passar por cima de Quejada, aproveitando para dar-lhe uma boa pisada na cabeça, que infelizmente estava no meio do seu caminho.

— Aiii! Volte aqui menino ovelheiro! Venha me ajudar! Depois juro que tiraremos vingança e justiça daquele fazendeiro tão malvado! Volte, infante! — gritou Quejada com o último fôlego que tinha, sem conseguir resposta, pois o menino se foi sem nem olhar para trás. Ele ainda ficou resmungando, inconformado:

— Está vendo só, Rocinante, como é ingrata esta vida de herói! Aí!!! Ninguém retribui ou reconhece o bem que se lhes faz! Uí!!!

Passou o resto do dia naquela tristeza, quando, por



sorte, de vagar, apareceu uma carroça vindo pela estrada lentamente. Quis o acaso que quem passava por ali era um lavrador, seu vizinho do mesmo lugarejo, que voltava de levar uma carga de trigo para moer no moinho. O qual, vendo alguém estendido na estrada, se achegou perto e perguntou em alta voz quem era e se estava vivo ou morto.

— Vivo! Sou vivo... — respondeu Quejada prontamente. — Quase morto! E eis que chega em boa ocasião de me ajudar. Mas... se não é o caso... por favor, amigo, segue em frente em paz, sem acrescentar-me mais nenhuma outra pancada ou bordoadada, porque não me posso defender! — pediu Quejada em tom sofrido e humilde. Seu vizinho, por ser bom e caridoso, veio logo endireitá-lo, tirou seu elmo e limpou-lhe o rosto da poeira e da terra que o cobria, e reconhecendo quem era, ficou espantado de o ver nessa situação:

— Senhor Quejada! Por Deus! Que faz largado por aqui nessas estradas? Que armadura é essa? E quem o pôs nestas lástimas!?

— Acabo de ser atacado pelos maiores e mais malvados, covardes e vilões... — disse Quejada confuso e

desorientado. — Armaram uma emboscada, pois esses traiçoeiros odeiam cavaleiros.

Seu vizinho vendo que muito delirava colocou a mão na sua testa e constatou que sua fronte estava muito quente, como se pegasse fogo.

— Senhor Quejada. Acorde, pois deve estar sonhando delírios de febre. Sou seu vizinho da casa do lado! E desconfio que o senhor está aqui estendido desde de cedo e suspeito que pegou alguma insolação!

— Ora, ora! Isso não é ocasião de tanto falatório, soldado! Leve-me o mais depressa que puder de volta para o castelo! — pediu Quejada.

Então, o homem concluiu acertadamente que devia mesmo leva-lo logo para sua casa, pois já andara escutando boatos de que esse seu vizinho estava endoidando e já não regulava bem da bola. Soergueu seu corpo, suspendeu-o nos braços, e com muito cuidado e jeito o acomodou na caçamba da carroça, deitado entre as sacas de farinha.

— Minha espada! — pediu Quejada com voz fraquinha: — Eles destruíram minha lança, mas não vou deixar



para trás minha espada, pois dela não posso ficar sem sentir falta! Pegue a minha espada para mim!

— Ora, do que está falando? Refere-se a esse pedaço de pau aqui!? — disse ele erguendo a ripa que era réplica de espada, apanhando-a ao contrário, pelo lado que seria a parte da lâmina.

— Cuidado!!! Não toque no gume! — avisou Quejada. — Não seja imprudente, pois ela é muito afiada e com um descuido perde a própria mão, seu tolo! Dei-me a cá que só eu sei manuseá-la! Aí! Uí! Agora vamos embora, por favor, preciso retornar ao castelo, antes que mais algum outro mal me aconteça!

O vizinho não deu importância para as bobagens que foi ouvindo pelo caminho. Acreditou que era tudo causado pela tamanha febre que o acometia, por isso foi o mais rápido que pode e a noite já era muito alta e fechada quando finalmente chegaram ao povoado ao qual pertenciam.

CAPÍTULO VII
DE VOLTA OUTRA VEZ

No interior da casa estava ocorrendo uma reunião bastante séria e importante, entre a sobrinha Angélica, a governanta Matilda, e os dois amigos de Quejada: o Padre Pedro e o Barbeiro Nicolau. Todos estavam preocupados com a fuga e desaparecimento de Quejada. E quem falava naquele instante era a governanta, extremamente aflita, e querendo pôr todos em reboição: — Por Deus do céu! É melhor espalharmos logo a notícia e fazer o povo da vila inteira sair a sua procura por toda redondeza!

— Ainda não! Acredito que é melhor esperar que volte por sua própria conta! — insistiu o Padre com certa cautela. — Vamos preservar a sua reputação. Não é bom que saibam que ele fugiu de casa...

— Gostaria muito de saber qual reputação é essa que pretende preservar? — indagou o Barbeiro com sinceridade. — Quem nesses arredores já não sabe, ou nunca ouviu falar, que ultimamente Quejada não andava regulando muito bem dos miolos!



— Ah, desgraçada de mim! — gritava Matilda fazendo escândalo e puxando os cabelos em desespero. — Estou certa, tão certa como nasci pra morrer, de que foram os tais livros culpados de revirarem o juízo daquele velho teimoso! Melhor seria que o próprio satanás carregasse toda essa sua livraria danada, porque assim ninguém mais vai ler livros tão continuado e tão sem descanso a tal ponto de fazer mal ao juízo!

— Ele já não andava mesmo certo da razão, por causa disso! — concordou Angélica. — Ao contrário do que é normal quanto estava lendo não parava quieto, não sossegava: Declamava, gesticulava, de repente sacava uma ripa de pau que era sua réplica de espada e fingia lutar contra invisíveis, dando cutiladas nas paredes ou espetando o ar com estocadas! Depois do combate com sua imaginação própria dizia ter matado vários gigantes! Suas roupas molhadas de suor, ele falava estarem empapadas de sangue! Só voltava a si depois que Matilda lhe jogasse um bom balde de água fria! E mesmo assim até isso ele confundia com um

banho encantado, benção que lhe havia mandado um tal sábio Esquife, um grande mago e seu amigo! — explicou a sobrinha com voz triste e deprimida.

— Quem poderia imaginar que a coisa toda chegaria a esse ponto!? — consolou o Padre. — Isso tudo podia ter sido só diversão dele! Eu mesmo não vi nenhum mal nisso. Afinal: *Velut senectus secunda pueritia est*¹¹! — disse e os demais confirmaram com uma ligeira mesura concordando.

— De qualquer forma: quem tem culpa sou eu! — declarou Angélica lacrimosa assoando-se num lençinho. — Que não percebi a gravidade do problema!

— Não! Culpa dos livros! — retrucou Matilda rai-vosa. — Eles o deixaram doido! Por isso que eu acho que devíamos...

— *Alto lá! Não fazei tanta fofoca de mim nas minhas costas, mera megera!* — advertiu Quejada, aparecendo de surpresa sem aviso, e foi anunciando. — *Abram espaço: que venho ferido em combate!!!* — Neste momento, Quejada entrou na sala se apoiando em seu vizinho.

¹¹ Notinha de rodapé: Ou seja; “a velhice é como uma segunda infância!”



Alegres e surpresos, vendo que felizmente ele havia retornado, cada um deles saltou e correu até a porta querendo envolvê-lo num forte abraço. Porém, ele logo os impediu, erguendo rápido a mão e avisando:

— Parem já aí onde estão! Detenham-se afastados, seus insensíveis! Pretendem me esmagar? — disse ele dolorido. — Não já falei que estou malferido! Chamem urgente o sábio Esquife para tratar de mim! E não se esqueçam de mandar um mensageiro veloz até Toboso avisar a Dulcinéia que seu bravo cavaleiro Quixote da Mancha se encontra em estado grave, ferido de morte!

— Nós cá o curaremos! — garantiu a governanta fazendo sinal da cruz e dando graças por não ter acontecido nada de pior. — Deixe de exageros, patrão. Vem comigo... eu te trato!

— Tu não!!! — recusou Quejada relutante e fazendo careta desesperada. — Se é assim, por favor, me levem de volta para o chão largado onde eu estava! — disse ele recuando, fazendo menção de que queria mesmo voltar para trás.

— Quietos! — exigiu o Padre. — Chega de travessuras e estripulias. Ainda bem que: *Vas malum non frangitur!*¹² Ou fatalmente já estaria morto. Devemos agradecer que Deus o trouxe a salvo, mas por ora não permitam que diga mais nada. Levem-no já lá para cima e ponham-no em repouso!

Então ele foi levado para o quarto com muito jeito e cuidado, dando-lhe o máximo de carinho e atenção, e apesar do que o padre recomendara, as mulheres pelo contrário lhe fizeram mil perguntas, à cerca de onde estivera e o que andara fazendo, ao que só respondia:

— *Só quero cama e comida!* — depois acrescentava que o resto sozinho se resolveria, pois: *o pior já havia passado!* Por isso, o deixaram descansar em paz com sossego. Mas, voltando para sala, inquiriram o vizinho para saber onde o havia encontrado nesse estado fragilizado, ao que o homem respondeu contando-lhes tudo, inclusive não deixando de comentar dos delírios em que falava sobre cavaleiros de livros como se fossem pessoas da vida real. Ainda não esqueceu de mencionar que um cavalo de bom porte, provavelmente a montaria de Quejada, os seguiu

¹² Notinha de rodapé: Ou simplesmente: "O vaso ruim não se quebra!"



por todo o trajeto, então o amarrou na cerca da propriedade. Aquilo era tudo que tinha a contar, portanto colocou o chapéu e se despediu pois já estava demorando demais e sua esposa o esperava em casa.

— Estão vendo!? É bem como eu disse: Os livros que viraram o seu juízo pelo avesso! Pobre do meu patrão!

— Matilda, eu devo reconhecer que tem razão! — disse o Padre. — *Causa debet praecedere effectum*¹³! Vamos pôr um fim nos livros que atacaram a cabeça do nosso amigo.

— Concordo. — disse Nicolau. — Mas que há de se fazer?

— Ora, que sejam retirados e postos fora! — sugeriu a sobrinha determinada.

— Melhor que sejam destruídos, condenados as chamas do fogo, porque queimados é a única forma de purificá-los! — suplicou Matilda.

— Juro pelo sinal da santa cruz que darei cabo deles imediatamente! — prometeu o Padre muito exaltado. — Vamos logo acabar com isso: *Cutiem malum in radix!*¹⁴

¹³ Notinha de rodapé: Significa; "Não há efeito sem uma causa!"

¹⁴ Notinha de rodapé: Ou seja; "Cortar o mal pela raiz!"

CAPÍTULO VIII
LIVRANDO-SE DA LIVRARIA

Verificou-se antes que Quejada já dormia profundamente. Então, Angélica de mansinho pegou a chave do quarto em que ficavam colocados os livros. Feito isso, foi às pressas levar o Padre e o Barbeiro até a biblioteca aonde já os esperava Matilda a porta com um recipiente de água nas mãos, e assim que os viu chegar disse: — Tome cá aqui Padre Pedro, isso é água benta, assim poderá benzer está livraria toda e expulsar o diabo que aqui deve se esconder, saltitando de estante em estante e passando de livro em livro.

O Padre riu da simplicidade da governanta, sem lhe dar qualquer atenção. Pediu para que o Barbeiro o ajudasse, pois: — *Aspiciunt oculi duo lumina vide clarius uno*¹⁵! E juntos foram selecionar os livros que fossem “perigosos”. Pensavam que decerto alguns podiam se salvar, por se tratar de assuntos construtivos:

— Alguns nem precisam ser queimados, porque são de boa moral e cheios de bons ensinamentos. — comen-

¹⁵ Notinha de rodapé: Ou somente; “Dois olhos enxergam melhor do que apenas um!”



tou o Padre. — Alguns são de versos, são livros puros de poesias pastoris, somente.

— Nada, nada! — insistiu a sobrinha ansiosa por dar fim ao problema. — Vamos botar fogo neles todos!

— Taque fogo em tudo! Não se deve perdoar nenhum. — insistia Matilda. — Pois meu patrão sem livros de heróis pode dar de querer virar um pastor ou poeta, ou outra qualquer ocupação inútil...

— Certo! Realmente nada devemos duvidar, pois: *Cui licet quod est plus, licet utique quod est minus*¹⁶! — comentou o Padre.

— Que isso boa mulher! Por tão pouco não se zangue, porque os que separarmos do fogo, nós os também tiraremos para fora daqui! — explicou Nicolau Barbeiro com segundas intenções.

— Já prometi dar fim a esta terrível biblioteca! — reafirmou o Padre. — Portanto é melhor levar os livros aos poucos para o pátio da casa e lá tocar fogo de uma só vez a toda a pilha!

— Correto! Concordo com esta determinação, portanto entremos logo nesse perigoso “covil” e arranquemos

¹⁶ Notinha de rodapé: Ou só; “Aquele que pode fazer o muito, também será capaz de fazer o pouco”!

já pela cauda esse “dragão” que tanto mal fez a meu tio! — disse a sobrinha virando a chave na porta. — Vamos ao serviço, aproveitar e acabar com tudo enquanto meu tio dorme!

— E eu vou já chamar o menino Miguel para nos ajudar a carregar “as coisas” para fora! — falou Matilda saindo às pressas, mas não sem antes respingar a água nas batentes da porta e fazer o sinal da cruz.

Entraram na biblioteca. Acendendo um lampião puderam avistar cem grossos e grandes volumes bem encadernados com capas duras ou de couro. Num dos cantos, perto da poltrona de leitura, e reservado sobre uma banquetta estavam quatro volumes muito bem conservados. Estes foram os que Nicolau primeiro pôs as mãos e leu que tinham todos o mesmo título em letras estilizadas: *Novela de Amadis de Gaula*.

— Esses estão separados porque são os mais prediletos do meu tio! — avisou Angélica. — Até mandou



comprar um quadro do herói principal que é o seu personagem preferido! Vejam. — disse e apontou para o lado, e lá havia mesmo um quadro que ocupava um lugar da parede: Era a pintura de um cavaleiro cheio de armaduras metálicas que se encontrava montado imponente sobre um enorme cavalo, no peitoril de aço um feixe vermelho emblemático fazendo a forma de uma espada.

— Um quadro impressionante! — exclamou o Barbeiro.

— Essa é a imagem do cavaleiro Amadis de Gaula. — suspirou Angélica. — É a obra que meu tio mais gosta.

— Isso nós sabemos. — falou o Padre. — Às vezes conversávamos sobre essa história e Quejada sempre se mostrou bastante empolgado em discutir sobre ela! Também, não é por menos, esse foi o primeiro livro de cavalaria que existiu, foi o primeiro que se fez e dele precedem todos os demais. Muito original!

— Que absurdo! — exclamou o Barbeiro perplexo. — Não sei como nosso amigo pode levar a sério o que aí se conta. Essas histórias são muito mentirosas: vocês não acreditam que aqui os heróis levam tantas panca-

das, ferimentos e quebras e quebras que é impossível que não tivessem o corpo e o rosto cobertos por feias cicatrizes, ou que ficassem completamente tortos e desfigurados! E por mais que fiquem no vai-não-vai, nunca ninguém morre! Aliás, é pelo contrário: quando se recuperam voltam muito renovados e até mais moços e rejuvenescidos, até mais fortificados e bonitos, e nem sequer manquejam de uma perna ou trazem qualquer sequela leve ou grave para pelo menos servir de alerta, lição ou aviso.

— Seja como for: Amadis agora vai para o fogo. — condenou o Padre categórico.

— Nem pra tanto! Espere um pouco, isso também não. — interferiu o Barbeiro. — Eu tenho ouvido dizer que é o melhor livro desse gênero que existe! E apesar do que acabei de dizer: confesso que eu também gosto um pouco de ler histórias de aventura e fantasia! Se vão mesmo jogá-lo fora, melhor antes seria dá-lo a mim! Que acham?

— Tome-o! — concordou o Padre repassando os volumes, que o Barbeiro logo enfiou numa sacola. — Passemos ao próximo...



— Esse outro aqui é um tal Esplendião. — disse Angélica lendo o título de um livro que encontrou separado.

— Esplandião é o filho do Amadis! — informou Nicolau. — Mas não tem tanta qualidade quanto teve seu pai. E não é raro que seja assim mesmo: “Um rei que deixa um príncipe que não sabe governar!”. Os herdeiros quase sempre não são tão bons quanto foram os seus pais. Por isso, este livreto para mim não interessa.

— Se é assim: não há quem o salve. Dessa vez não se poderá dizer que o caso será de: *Qualis pater, talis filius*¹⁷ ! — disse o Padre Cura. Nisso chegou Matilda alegre e ansiosa, quis levar pessoalmente o pobre Esplendião para iniciar a pilha da fogueira.

— Adiante. — pediu o Padre Pedro.

— Pastor Dariel!?

— Ah! Vá fora! Muito falador de coisa nenhuma! — comentou o próprio Padre parecendo aborrecido. — Obra muito prolixa e isso não suporto!

— Lendas do Rei Arturo¹⁸! — leu Angélica ao remexer nos exemplares que estavam numa das estantes.

¹⁷ Notinha de rodapé: Simplesmente: “Tal pai, tal filho!”

¹⁸ Notinha de rodapé: Alguns nomes de personagens famosos podem se apresentar levemente diferentes do popularmente conhecido, sem qual quer motivo, apenas por pura diversão.

— Temos o Rei Arturo aqui! Passe já isso para cá agora mesmo, que eu quero! — pediu o Barbeiro ficando já contente e de sacola cheia. — Aqui se narra as grandiosas e épicas façanhas dos cavaleiros da Tábua-Redonda! Por aqui andam Lançarote e Genivera, também o Cavaleiro Persivalo e todos os demais, sem dizer do misterioso mago Merelim, ou daquela dama do lago, e a tão bonita e faceira, a feiticeira Morganda da Ilha d’Avalona, ou daquela preciosa espada Escalibura, cravada na pedra! Eu sou um grande fã dessas histórias desde que eu era menino novo, por isso, se não se incomodam: o Rei Arturo fica pra mim!

— Pegue, tome! Adiante: Que mais?

— A Novela do Muito Valente e Esforçado Cavaleiro Platir!?

— Por mais esforçado que esse seja, aposto que dessa ele não se escapa! Platir para o pátio! Seguinte? — condenou o Padre.

— Os Doze Trabalhos de Hercules!?

— Tantos trabalhos pra nada! Vá para a pilha! Juntamente com quaisquer outros que tratem de fábulas gregas e falsos deuses pagãos. Próximo?



— Roldão, o Bravo!?

— Esse é o pior: vejam que o herói combate sozinho com um exército de mais de um milhão de homens. Obra mentirosa e arrogante. Que queime!

— Cavaleiro El Cid, o Campeador!?

— Esse é um dos mais importantes, mas na minha opinião foi muito subserviente. Sem perdão. Por mim, dê-lhe adeus!

— Fico pra mim, pois. — pediu Nicolau estendendo a mão grande e apanhando o volume. — El Cid é um exemplo de cavaleiro forte, valente, leal, justo e piedoso, e lutou numa época difícil em que a Hispânia estava dividida entre reinos rivais de cristãos e mouros. Também acho que esse livro é bastante procurado, então posso repassá-lo, pois conheço alguns amigos historiadores... quando não: também sei que pode ter algum valor de venda ou troca. — argumentou e o ajeitou em sua sacola.

Angelica que folheava um outro de repente exclamou curiosa: — E esse aqui, vejam que nome interessante: As Ninfas dos Sonhos!?

— Interessante nada! — censurou o padre — Puro

pecado. Largue já isso! Jogue ao fogo sem olhar para trás... ou vai virar uma estátua de sal¹⁹! Nem me pergunte porquê disso!

— E este outro aqui me parece bem parecido, deve ser da mesma coleção ou autor, o título é bem sugestivo: A Moita dos Amassos!

— Portanto deve ir fora, pela mesmíssima razão.

— Certo! Então: Cavaleiro da Cruz!?

— Espere um instante, preciso pensar: esse apresenta um nome que me parece santo! — ponderou o Padre.

— Não nem nada. — advertiu Nicolau. — Esse eu o conheço bem, livrinho chato e enfadonho, e não se engane pois se pode dizer dele que o próprio demônio se esconde por detrás dessa cruz. Vai por mim: Não presta!

— Se é assim: que se afogue no fogo. Passemos adiante!

— Espelho de Cavalaria!?

— Espero que se quebre esse espelho em mil cacos para que ninguém mais volte a se refletir jamais nele. Fogo!

— Orlando, o Furibundo... de um tal Ludovico Ariosto!

— Este autor é poeta italiano. Personagem muito valente, mas coragem sem sabedoria é loucura! Nem sei onde

¹⁹ **Notinha de rodapé:** A esposa de Ló acabou transformada em estátua de sal ao tentar fugir da destruição de sua cidade por Deus, devido a imoralidade do povo. Só porque ela olhou para trás (curiosa!), quebrando a única regra imposta pelos anjos...A narrativa bíblica serve como um aviso contra a desobediência e o apego ao pecado! Gênesis 19:15-26



pretende chegar com tanta fúria. Que se queime até virar cinzas só para aprender a se acalmar e sossegar um pouco!

Assim, por longo tempo ficaram passando e repassando os livros da estante e os que estavam espalhados, por fim, já não aguentavam mais.

— Já estou cansada — desabafou Angélica com um suspiro e mão na testa. — Isto é desgastante! Por favor, proponho que todos esses restantes nós os mandemos para a fogueira sem mais pesquisas e seleções! — sugeriu.

O Padre e o Barbeiro logo concordaram, e também não querendo cansar-se mais mandaram chamar a ama e o garoto, pediram a eles que todos os maiores e mais volumosos livros fossem carregados para fora, sem dó nem piedade!, e jogassem fora sem nem mesmo ver do que se tratavam. A ama, que mais vontade tinha de os ver todos queimados, abraçou-se a alguns oito de uma só vez, mas deixou cair um:

— A Verdadeira História do Famoso Cavaleiro Tirante, o Branco! — leu Nicolau Barbeiro enquanto apanhava-o do chão.

— Quê foi que disse? Não acredito. Valha-nos Deus amado! — exclamou o Padre Pedro excitado. — Pois temos

aqui Tirante, o Branco!? Dei-mo²⁰ cá!

— Este eu não conheço! — falou Nicolau.

— Não sabe que aqui andam os engraçados embustes da viúva Repousada, entre outras coisas que muito me divertem. — explicou o Padre sorrindo satisfeito. — Além do que em razão de estilo não há no mundo livro melhor! Bem detalhado e realístico: Aqui cavaleiros comem e dormem, ficam doentes e até morrem. Melhor ainda: Antes fazem seus testamentos. Tudo bem explicado e sem desatempos. Este eu recomendo. Que se salve! Vou levá-lo comigo...

— E o que se há de fazer com esses menores que estão misturados!? — perguntou Angélica indicando uma estante de livretos.

— São poemas! Na minha opinião não provocam qualquer dano. — explicou Nicolau.

— Mesmo!? — duvidou a sobrinha — E já não foi dito que se caso meu tio metesse na cabeça fazer-se poeta e andar pelos bosques e prados, cantando poesias e recitando versos, pior perigo não seria?

— É certo! — concordou o Padre. — Devemos tirar



toda “pedra de tropeço” do caminho de nosso amigo. Botemos já todos no fogo então!

— Mas e este aqui: a Galatéia de Cervantes?

— Cervantes! Ora, esse autor eu bem conheço e o concidero muito meu amigo. — comentou o Padre com um leve sorriso — Essa Galatéia não é seu melhor trabalho, e nem ele é um escritor tão bom assim. Brincalhão demais, ousou dizer!

— Então será que devemos queimar ele também? — perguntou Nicolau. E um grande silêncio recaiu por um momento em que todos ficaram suspensos, esperando saber qual seria então o seu “veredicto”. Depois disso com tranquilidade o Padre falou calmamente:

— Nesse livro dois pastores, Elicio e Erastro, ficam ao mesmo tempo apaixonados pela belíssima pastora Galatéia, porém, apesar da sua descrição, honestidade e bondade, ela não quer mesmo saber de ninguém, pois adora sua independência espiritual e não quer se sujeitar ao implacável jugo do amor. E assim, desdenha os sentimentos dos dois pobres pastores enamorados. O livro até tem algo de boa intensão, alguma coisa promete,

mas no fim não conclui nada. Não serve nem de bom exemplo, pois apresenta uma moral controversa e duvidosa! Contudo, sei também que esse autor tem inúmeros admiradores por toda parte. Tem até alguns escritores inexperientes que querem adotar seu estilo seguindo-o de modelo, tentam imitá-lo, porém não passam de meros copiadores sem talento próprio algum!

— Então que devemos fazer?

— Ora! Será que não fui claro quando disse que: *“Esse autor é muito meu amigo!”*. E por isso, só desta vez, se salvará por agora. Mas que na próxima tenha muito cuidado...

— Espero que o restante possa ir para fogueira todos em conjunto... — pediu a Sobrinha cansada.

— Já era sem tempo... — festejou Matilda, mandando o menino trazer um carrinho de mão para facilitar. — Apanhemos os que pudermos e vamos levá-los todos de uma só cambulhada...

— Que assim seja. — concordou o Padre dando aquele serviço como concluído.

— Belo! Bravo! — apoiou o Barbeiro parecendo



também animado — mas não sem antes escorregar disfarçadamente o exemplar de Ninfas dos Sonhos e Moita dos Amassos para o fundo da sacola, sem ninguém perceber.

Infelizmente foi assim que se teve fim a grande coleção de livros de Quejada. No seu próprio quintal uma pilha imensa que ardeu por toda à noite transformando em fumaça e cinzas os sonhos e ilusões de que tanto gostava. O que ninguém percebeu é que ele a tudo isso assistia de sua janela, escondido por de trás das cortinas, meio sonolento, sem poder completamente entender o que acontecia lá fora. Em silêncio, imaginava apenas que algum inimigo tomava seu castelo e que dali para frente não teria mais um local ao qual chamar de “lar doce lar” — E sobre isso: quem pode dizer que estava totalmente errado por pensar assim!?

Além do que fizeram com seus livros, também colocaram para se queimar o quadro de Amadis, que até então não tinha nada a ver com o assunto. Mas Matilda implicou com a pintura de tal forma e deu tantos moti-

vos, e não descansou até poder acabar com o quadro também!

Após isso, determinaram que deviam cobrir a porta do aposento em que ficava a biblioteca com tijolos, e assim encerraram e emparedaram para sempre aquele perigoso cômodo. Quando finalmente amanheceu o dia seguinte, tudo já não existia e eles acreditaram que tinham solucionado o problema. E que daqui para frente bastava apenas não deixar mais Quejada ler livro algum...

Acontece, porém:

Para a nossa total felicidade,

Estavam redondamente enganados!

Quejada não precisava mais dos livros:

Ele agora era Quixote!



Cenas do Próximo Volume: — Quejada finge que não está mais interessado em livros ou aventuras, enquanto na verdade está à procura de um fiel escudeiro. Então encontra o pobre e simples Sancho Pança, um camponês humilde seu vizinho da vila. Ambos partem escondidos a caminho de grandes emoções e perigos. Após um rápido contratempo em que Quixote enfrenta um bando de desaforados gigantes, finalmente ele salva uma princesa e se depara com seu primeiro duelo, lutando frente a frente contra o Bravo Biscainho! Enquanto Sancho começa a perceber bem o que a vida reserva para os cavaleiros andantes e principalmente começa a sentir na própria pele o que passam os escudeiros.

Até lá — Vale!



Você chegou até aqui e gostou do que encontrou?

Dê seu apoio para que esse esforço do autor continue até concluir este projeto.

Se puder ajudar com qualquer quantia, faça uma doação:

Chave-Pix: 378d34c1-fb6f-45d4-ae13-ea91c72fb2d5



Bitcoin: bc1q7n2hyhamereeeexp5tq9rgrkmsra3v6zuges44





Recomende para seus parentes, conhecidos, para seus amigos e também p'ros inimigos.... brincadeira, recomente somente pr'aqueles que vão entender e possivelmente gostar.

Obrigado pela leitura!

Para quaisquer dúvidas, elogios e sugestões, entre em contato em:

fernando_pos@hotmail.com

ou visite:

<https://www.possidentstudios.com>